ANO I JANEIRO, 1939 NUMERO 2

# SEIVA

JOÃO DA COSTA FALCÃO
VIRGILDAL SENA

EDUARDO GUIMARÃES
EMO DUARTE

## DIRIGEM

ALIOMAR BALEEIRO
ANTONIO FRANCA
ANTONIO OSMAR GOMES
ARISTEU NOGUEIRA
BRASILIO MACHADO
EUGENIO GOMES
JOÃO DA COSTA FALCÃO
JOÃO NITÃO
JOSÉ AUTO
JOSÉ SAMPAIO
JOSÉ VALADARES
LUIZ BASTOS
LUIZ VIANA FILHO
MARCOS PIMENTA
MICHAEL GOLD
NELSON SCHAUN
NESTOR DUARTE
ODILON NEGRÃO
ROMAIN ROLLAND
RUI FACÓ
RUI G. CAMARA
SODRÉ VIANNA

## ESCREVEM

JOSÉ GUIMARÃES

## ILUSTRA

## ROTEIRO DAS AMERICAS

REVISTA MENSAL
BAHIA BRASIL
PREÇO 1$000

BEBAM

CERVEJA

"PETROPOLIS"

—— A QUE TEM O CLIMA DE PETRO-

POLIS ENGARRAFADO ——

DISTRIBUIDORES

Morgade Cortizo & Cia.

Praça Deodoro, 12 - Telephone, 4072

PORQUE MUITAS PESSOAS SÃO POBRES

- Porqne não olham os gastos
- Porque pensam que não vale a pena economisar tostões.
- Porque fazem apenas o que os outros esperam delles sem fazer tudo que lhes é possivel
- Porque supõem que basta economisar para o mau dia quando este tiver chegado.

SÊDE PREVIDENTES - ADQUIRÍ UM TITULO DA

Companhia Internacional de Capitalização

INICIANDO A FORMAÇÃO DO VOSSO PECULIO

The Caloric Company

Productos de Petroleo

Kerosene e Gasolina, em caixas e tambores, marca "Pan-Am."

Oleo combustivel e Diesel em tambores e a granél.

Distribuidores geraes para os Estados de Bahia, Sergipe e Norte de Minas Geraes.

Manoel Joaquim de Carvalho & Cia.

Rua Miguel Calmon, esquina de Italia, 12

Caixa postal, 97 - Endereço telegraphico "ZENHA"

Telephone 1100 — BAHIA

Preciza comprar MOVEIS?

A RENASCENÇA PROCURE

Moveis modernos de todos os estylos

Vendas a prazo

Misericordia, 7

Telephone 1782

# A GARANTIA DA TERRA FECUNDA...

A terra paga sempre com juros generosos. Não desaba como as casas. Não morre. Cresce de valor dia a dia. O ladrão não a leva. Não a destroi o incêndio, nem o naufrágio. E' eterna.

Empregue suas economias nas ricas pastagens da Baía. A partir de 50$, o INSTITUTO DE PECUÁRIA aceita depósitos populares para aplicação nas atividades pastoris, através de empréstimos feitos com o maior rigor a respeito da solvabilidade dos mutuários, a fazendeiros idôneos, sob hipoteca ou penhor pecuário. Fiscalização federal e estadual.

Depósitos Populares com o limite de 10:000$, a juros de 5% ao ano. Retiradas sem aviso, em talões de cheques gratuitos e isentos de sêlos.

**Cooperativa Instituto de Pecuária da Baía** - Rua da Itália, 12 - (Edifício Manoel Joaquim de Carvalho)

**NÃO É DE PINHO!...**

A "CAMA AURORA", orgulho da Industria Bahiana, é fabricada com o insuperavel IPÊ (madeira de lei)

B. SIGOLO E IRMÃO
CAMA AURORA

**NÃO SE ILLUDAM!...** O Unico Estrado Silencioso é o da "**Cama Aurora**" porque tem Rêde Inteiriça.

**Fabrica e Escriptorio** - Roma 295/7 - Bahia

**TEL. 8-360**

# Florentino Silva & Cia.

Rua Cons. Dantas n.º 22 e 24

**TECIDOS EM GROSSO**

TELEGRAMMAS —:— CAIXA DO CORREIO
**"FLORENSILVA"** **NUM. 539**

Adoptam o systema de ganhar pouco para vender muito, formando o lucro no volume das grandes vendas.

BAHIA BRASIL

# Drogaria Brazil

DE

# M. CONDE & CIA.

— BAHIA —

Grande Emporio de Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos.

Proprietarios dos Acreditados Preparados:

**Xarope de Angico Brasileiro**
contra tosse de qualquer natureza

**Nogueirol** contra a impureza do sangue

**Lombrigol** (liquido e comprimidos) contra vermes

# CASA MAGALHÃES

— DE —

**Alberto de Souza Magalhães**

*CASA ESPECIALISTA EM*

Morins, Tricolines, Voiles, Cretones, Zephir, Perfumarias e demais artigos

**SORTIMENTO VARIADO E CONSTANTES NOVIDADES**

*"Grande emporio de meias por preços das fabricas"*

NOSSO LEMMA:
Ganhar pouco e vender muito

VENDAS SÓ A DINHEIRO

Rua Avenida 7, 109 (Duarte)
Teleph. 6788 - BAHIA

SEIVA

DIRETORES:
JOÃO DA COSTA FALCÃO
EDUARDO GUIMARÃES
VIRGILDAL SENA
EMO DUARTE

REDAÇÃO:
Rua Direita da Piedade, 40
BAHIA — BRASIL

ANO 1 NUMERO 2
JANEIRO DE 1939

# DISCIPLINA POR SUBORDINAÇÃO E DISCIPLINA POR COORDENAÇÃO

NESTOR DUARTE

*Ha, por certo, uma legitima disciplina por subordinação tanto quanto uma hierarchia de planos que explica a ascendencia da auctoridade.*

*Mas nem só a auctoridade se justifica pela hierarchia de si mesma, independente do fim a que deve attender, como essa disciplina não esgota o conceito de disciplina, nem póde perdurar legitima si se amplia alem d'aquelle minimo, fóra do qual toda força, como toda auctoridade, deixam de ser consentidas e toleradas.*

*Quando se extende o principio da disciplina por subordinação — e esse é o sentido essencial dos totalitarismos contemporaneos — começa-se tambem por crear uma subversão na linha de equilibrio da solidariedade humana, ainda que se o faça em nome de uma ordem, porque si ordem é silencio e conformidade, nenhuma é mais perfeita do que a ordem gerada pela violencia.*

*A ordem humana, porém, ha de ser tirada da substancia inquieta de animaes nobremente imperfeitos para a conformidade e os silencios oppressores. Esse animal que é movimento, verbo e autonomia, é por isso mesmo, um valor ainda á luz do materialismo mais razoirante.*

*E o que é mais—um valor tanto mais irreductivel quanto não é anterior á sociedade a que se pudesse alienar para desespero do rousseauniano. E' um valor creado por ella, um suporte de ascenção, o que vale dizer que não se destroe nem se póde ignorar por ella. Antes, é ella mesma que se aprimora quando começa a creal-o.*

*Nenhuma sociedade, pois, póde ser contra o homem, como nenhuma ordem póde ser estabelecida contra a dignidade eminente e que è independente desse ou daquelle tempo e espaço, como das cousas occasionaes de cidadão nacional, proletario internacional, ou ainda productor e consumidor, conforme a formula do cooperativismo, tão materialista como o accusado marxismo aclassico, porque é, apenas, uma replica dentro da mesma concepção de que tudo é economia.*

*Toda ordem por subordinação deve ser, por isso, intotalizavel dentro da vida social. Porque para o homem, para uma sociedade que o creou como valor, e que se affirma affirmando-o, a disciplina normal, extensiva, é a disciplina por coordenação. Ella se contrasta com a outra. Tanto mais legitima á uma ordem quanto menor fôr a relação de violencia em que se estriba. E só é menor a violencia, si maior a extensão do principio de coordenação.*

*Ha assim uma disciplina por subordinação e uma disciplina por coordenação.*

*A segunda, porém, è que é da pessôa humana. E' uma ordem, mas uma ordem na liberdade.*

*Insista-se*: uma ordem na liberdade.

*Aos simples, como aos propositadamente ignorantes, esses dois conceitos se repellem. A obra que se fez contra o homem foi, sobretudo, uma obra de desmoralização da liberdade. Então se affirmou—e o que é peor—se acreditou, que a ordem è incompativel com a liberdade.*

*A inversa é que é verdadeira. A liberdade é um principio de ordem, porque é a forma de co-existencia que prolonga a normal de uma solidariedade expontanea. Gera uma ordem com um minimo de choques e conflictos, o que vale ser uma ordem com o minimo de força.*

*A liberdade è, assim, um principio commodo. A ordem que a toma por these, porque exija um minimo de força dispenderá tambem um minimo de energia e de vigilancia. E a prova está em que os regimens que a supprimem instituem um Estado-Policia que resume toda a attenção e toda a energia do Poder Publico. E' um Estado de desesperada vigilancia. Porque de si mesmo é fraco, sente a necessidade de ser violento.*

*O problema, pois, do Estado forte é um problema de conciliação com a liberdade, porque começa a experimentar a desnecessidade da violencia.*

*Mas, a ordem na liberdade se organiza dentro da relação de coordenação.*

*Que é ella? A concepção de vida pela qual a relação societaria è uma accommodação no mesmo plano, ou seja o transpersonalismo que annulla as superposições.*

*Sim, é o mesmo velho principio de igualdade, mas sem a impertinencia do individual, porque se realiza na cohesão. Em outros termos, não é a igualdade porque todos os individuos sejam iguaes, mas a igualdade, como creação social, para homens desiguaes. Ella não è assim o direito dos mais fracos, é dever social dos mais fortes, dos privilegiados nos desajustamentos precarios da organização economica e politica.*

*E' por isso que ella postula um imperativo moral, ou é um postulado de disciplina na convivencia social.*

*Teme-se porém, que esse regimen seja perfeito demais para não deixar de ser ideal incomprehendido na massa ignorante e pervertida, incapaz de realizal-o.*

*Mas, a verdade é que não ha receiar que os fracos e os rudes, ou sejam os pequenos do mundo social, desamem a liberdade. Todos os que soffrem chegam a amar nobre e perigosamente a igualdade. Os fracos e os rudes porém são consequencias apenas de regimens que desconhecem a liberdade e a igualdade. E' redimindo-os que se chega até ambas. Não se perprete, pois, outra contradicção, sob a apparencia de argumento valioso.*

*O que ha a temer, no emtanto, é a trahição dos fortes, dos privilegiados que sobremontam na vaga de todos os regimens. São elles os temidos, porque são psychica e socialmente os capazes de desencadear o complexo de dominação que o homem traz comsigo, o seu imperialismo personalistico, como o caudilhismo aventuresco.*

*Assim, em horas urgentes de perigo e de defeza, importa menos ensinar aos homens o amor e a conquista da liberdade do que os modos porque si a perde.*

*Das maneiras de perdel-as diga-se que a menos perigosa é até a da violencia inicial, porque provoca a reacção salutar.*

*De todas, por isso, a mais grave e a mais temivel é a que se insinúa em forma de substitutos emocionaes. As mysticas, por exemplo. Todas as mysticas, emfim, interessadas na politica e que exaltam, em crescendo, o desvario collectivo que é a embriaguez para melhor esquecel-a.*

*No mundo moderno então é o unico meio dos homens sinceros trocarem a sua liberdade, pelos regimens de força. Não porque a crença brigue com a liberdade, mas porque desperta estadios passionaes que bastam e dirigem por si só a inquietação do individuo. Por outro lado, todos os homens de uma crença amam ou estão propensos a seguir uma disciplina mais rijamente hierarchizada. Não seria, assim, claramente contradictorio que fossem justamente as sensibilidades que mais se abeiram das fontes dos espiritualismos as que accrescentassem de prestigio as theorias dos regimens subordinadores, accorendo ao serviço das velhas forças reaccionarias por amor ao ideal de hierarchia dentro dos temores da desordem.*

# POEMA DO NATAL DO MEU LULA

SODRÉ VIANNA

Meu Lula, meu filhinho que ainda não nasceu
e em que idealiso a santidade de todas as crianças:

ha muitos annos,
num presepe cheirando ao cheiro bom das coisas mansas,
Jesús sorrir ao mundo.

Era um garôto, um garôtinho apenas,
a face luminosa, as mãos pequenas
dansando o bailado inquieto que é o prologo da Vida.

Um garôto. Um menino.
E, todavia, nelle pulsava a força esplendida
dos que não trazem só uma Existencia
mas tambem - um Destino.

Destino de bondade,
de heroismo,
de suprema renuncia.

Desses Destinos paradoxaes
que são tanto maiores quanto são os ais
que os vão demarcando ao longo da jornada.

Desses que são rútilos no carcere,
sublimes no villipendio
e deixam um roteiro e uma saudade
quando fenecem na morte.

Meu Lula, meu filhinho que ainda não nasceu
e em quem idealiso a santidade de todas as crianças:

todos os annos,
para lembrar a vinda de Jesús,
Papae Noel rondava os lares felizes,
o pinheiro milionario de presentes:

vinha lembrar que a douçura humana é immortal
e a alma pode ser maior que o céo.

Hoje, elle entra pela nossa casa.

Vem de longe,
de longe, muito longe
e atravessou a China, a Hespanha
e os campos aramados e as prisões.

Tem os pés humidos. De neve? Não, filhinho:
de sangue.

E é sangue,
O que enrubesce as folhas de pitanga
que as tuas mãos contentes semearam pela sala...

# ORIENTAÇÃO HUMANISTA DA CULTURA

ANTONIO OSMAR GOMES

Através de uma orientação humanista da cultura, é que se póde chegar a compreender e até mesmo a sentir a grandeza plena do homem, essa criatura rehabilitada em Deus e, porisso, com um destino muito alem das contingencias mesquinhas desta vida e deste mundo.

E essa orientação verdadeiramente humanista da cultura é a orientação cristã. Orientação de responsabilidade. Orientação de liberdade. Orientação de eternidade. A cultura do homem, sob o ponto de vista existencial cristão, orienta-se por um principio comunitario que não o exime de sua imensa responsabilidade de ser homem, antes, pelo contrario, o investe, de conciencia plena, nessa responsabilidade. Do mesmo modo, o homem cristão pela cultura é o homem que nunca se demite da sua liberdade de *ser*, e, assim, sempre livre pelo espirito, sabe desprezar as insinuações ou as imposições temporais das *desordens estabelecidas* ou das escravizações coletivistas. E isso tudo porque, pela cultura cristã, o homem orienta-se para a eternidade, onde está o seu destino verdadeiro, o seu destino eterno, destino contra o qual nada podem as deshumanizadoras fôrças de todos os passageiros *reinos* deste mundo. E' que a cultura cristã tem a fôrça imensa de sua orientação justamente na palavra de Verdade eterna d'Aquele que disse não ser deste mundo o sen reino. E assim disse na hora angustiosa em que os poderes aparentemente vitoriosos da terra exerciam sobre Ele todos os rigores de sua maldade e todas as brutalidades de sua inconciencia. Fiel a essa atitude do Mestre, é que nesta hora, apezar de premido por todos aqueles rigores e por todas aquelas brutalidades, o cristão sabe e póde reagir, na legitima defeza de sua liberdade, pela qual é responsavel sempre, no tempo e na eternidade.

No sentido humanista da vida, só a cultura cristã é que faz o homem sentir-se livre, assim interiormente, não obstante as visiveis realidades exteriores, que tanto lhe ferem a liberdade e muitas vêses até parecem destrui-la por completo, em suas mais profundas manifestações.

Daí, a necessidade de uma orientação cultural cristã ser imprescindivel para a re-humanização do homem, desse homem que hoje se desconhece a si mesmo, no fastio insuportavel de tantas *culturas* que pôde imaginar, mas que nenhuma delas lhe satisfez jamais as duvidas da inteligencia e sobretudo as ancias do espirito, porque nenhuma delas foi essencialmente humanista. Dessas falsas orientações de cultura, nas suas inumeraveis concepções filosoficas, através de escolas as mais diversas e as mais inconsequentes, envenenando civilizações e aniquilando póvos, foi que se originou a tragedia do humanismo inhumano, do humanismo antropocentrico, ao qual, em bôa razão, não cabe a denominação integral de *humanismo*.

O antropocentrismo foi, com efeito, o vicio radical de todas essas culturas que se afastaram de Deus para endeusarem o homem, como ainda continúa a ser a lépra das civilizações modernas, em que o individualismo predomina e em que o homem desaparece, contado, medido, pesado nas multidões anonimas, na grande *massa* de coisas mais ou menos informes, na fascinação de misticas inhumanas ou na submissão ás tiranias deshumanizadoras.

Tal cultura é orientada contra o homem. Não tem sentido humanista de dignidade do homem, como criatura que é dotada de atributos que não se podem contar, nem medir, nem pesar, visto que são atributos imanentes, integrados na sua personalidade, formando-lhe a propria Pessôa. Tal cultura, absolutamente anti-humanista, é, ao mesmo tempo, subversiva. Tira ao homem, entre os homens, o seu caráter exisiencial humano, equiparando-o ás maquinas, irracionalizando-o em seleções raciais, e condicionando-o a circunstancias de ordem exclusivamente material e temporal. Tal cultura, enfim, faz crêr ao homem que ele proprio é o centro do homem e até mesmo de todas as coisas criadas, implicando, portanto, numa concepção naturalista do homem, concepção falsa e, mais do que falsa, perniciosa.

O cristianismo é, póde-se dizer, a unica fonte legitima de informação cultural que resolve todos os pobiemas do homem, determinando a posição pratica e concreta da criatura humana em face do seu Criador, posição de coragem, posição de conciencia, posição de tranquilidade. Essa é a posição do homem que sabe compreender onde acaba a ordem e onde começa a desordem, que sabe distinguir a hierarquia da tirania, e que, por saber tudo isso, não se enfeuda, não se compromete, não se degrada, pela aceitação de uma ordem que é desordem, e de uma hierarquia que é tirania.

O Cristianismo ensina o homem a ser livre para poder ser homem, não pela compreensão de uma liberdade anti - humana, como essa de que se investiram os liberalismos falidos, mas pela compreensão de uma liberdade comunitaria, liberdade do homem colaborando com o homem, na ilimitada profundidade e na extensão ilimitada da comunhão humana.

Assim é que a cultura cristã é uma cultura de verdadeiro humanismo, porque tem a sua finalidade toda orientada para união dos homens, na terra, como principio de sua união eterna. E' cultura que repele os exclusivismos, os individualismos, os coletivismos, quaísquer que sejam, por atentarem todos eles contra o homem propriamente dito. E para o Cristianisno o homem é tudo, como Pessôa humana, na grandeza de sua semelhança com a Pessôa divina. Centraliza-se, portanto, na Pessôa divina, á semelhança da qual foi criada a Pessôa humana, a cultura humanista cristã, cultura em que o homem é considerado e tratado não apenas sob o seu aspéto natural, mas tambem sob o seu aspéto sobrenatural, ambos esses aspétos completando-lhe, em perfeita harmonia, a fisionomia de homem.

Na concepção, pois, dessa verdadeira cultura, a cultura cristã, é que a humanidade ha-de investir-se, totalmente, um dia, num trabalho esplendido de renovação espiritual que já estamos sentindo esboçar-se nas proprias ruinas do mundo de hoje, através de tantas e tão eloquentes manifestações de espiritualidade cristã, incarnando-se o espirito do Cristianismo na sociedade humana, isto é, na plenitude da vida social e politica dos póvos, no universo inteiro.

Ha-de ser assim a orientação humanista da cultura. Orientação em que o homem, pelo Cristianismo, se intégre na conciencia de sua responsabilidade de homem, no valôr de sua liberdade de Pessôa e no destino de sua eternidade de criatura de Deus.

# QUATRO PESSÔAS EM VOLTA DA MESA

## MARCOS PIMENTA

Somos apenas quatro em volta da mesa e no entanto somos estrangeiros uns para os outros. Temos nossas vidas nossos pensamentos e só nos liga, por um momento que seja, a grande, a imensa piedade que une as pessôas mais estranhas umas ás outras.

Ela é casada, esse genero um pouco besta das recem-casadas, sempre muito comprometida, não ousando dizer nem fazer tudo que tem a dizer e fazer; o marido sai, vai passear por ai, ela chora, peór, ela se caceteia. Si lhe perguntassem de repente o que é a vida ela responderia: a vida? não sei... ah! desculpe! estava distraida, quer dizer... a vida? pois é: a vida... é... é uma espécie de... é uma coisa cacête. As palavras lhe fogem, os pensamentos voam para longe dela, da sua cabeça vasia, dos seus sentidos dormentes. Ela foge dela, sempre com mêdo de ter de voltar aos seus pensamentos mais intimos, antigos sonhos esfacelados, farêlo de bolo de noiva.

O outro é um homem honésto, muito honésto, excessivamente honésto. Funcionário aposentado. Os cabêlos caem de cansaço, de tédio, os olhos tambem descambam, rugas se cruzam na pêle mirrada como as fendas de um terreno vulcanico. Mas ele escondeu tão bem escondido — foi essa a função de sua vida — o interior ardente numa aparencia conformada e placida, que agora seus olhos são mórnos, mãos humidas que jogam cartas num baralho ensebado (ele não fuma), e esconde recordações angustiadas no temor, no temor, no temor de que? Esse homem, por detraz dos seus olhos submissos, sempre guardou temor de alguem ou de alguma coisa.

Quem? Que? Dir-se-ia que é dele mesmo que ele sempre teve medo; e ainda teme, neste momento, uma explosão, um movimento eruptivo, espontaneo, indomavel. Que força ardente vive nestes musculos que se perdem em toucinho, esse ventre que se arredonda, esses olhos, esses olhos espêssos.

Agóra está cheio de tristeza — doce tristeza — pela ausencia da filha, tambem recem-casada e já grávida, aquela que ele viu pela ultima vez brincando numa sem-vergonhice tranquila com o marido novo, num abandono de penhoar e nuca cheirando a sabonete. Ele se esquece numa dor que se faz dôce e flexivel para se insinuar no sangue do homem placido, como um veneno. E que veneno terrivel esse que paraliza os olhos do homem num canto da sala.

A outra, sua querida e velha mulher, oficina em que se fazem gerações: oficina para sempre extinta, gozando um eterno feriado, com esse ar empanzinado dos feriados, teia de aranha, carne viajada, não ha mais geito de arrumar os cabêlos e isso, e isso, e aquilo. A velhice que chega. Ela parece dizer: não é nada agradavel a recem-chegada. Graças a Deus ela faz tricô; faz tricô como as crianças pintam bonecos nas parêdes: nela a imaginação vai apagando os fôgos e só fica a brasa de um desejo impreciso, obstinado, um agarramento á vida, uma vontade de não se levantar mais da cadeira — da SUA cadeira — e ter o mundo ao seu lado, numa cadeira mais baixa do que a sua. O mundo: Os nétos. Toda a sua vida se passou num salão dos passos perdidos. Os salões variaram. Os passos foram sempre os mesmos. Agora eles se tornam frouxos, languidos, vacilantes. Mas continuam inuteis, e ela procura saber para qne viveu. Ninguem responde, a não ser os nétos que lhe fazem malcreações e até uma vez já lhe cuspiram em cima.

E eu. Tão capaz de tentar todas as coisas, ou de não fazer coisa nenhuma. Onde estão os meus pensamentos agóra? Não ha meio de fixa-los na conversa, uma conversa qualquer, dessas que se arranjam para espantar o silencio. E porque tentar? Tudo isso é tão difuso, tão debaixo dagua: só me resta nadar, sair batendo os braços ritmados pela noite escura lá de fóra.

Sómos quasi inimigos, á força de ser indiferentes. Só esse pensamento de dôr comum, um sofrimento obscuro, silencioso e monotono, parecido com a germinação, nos reúne, nos liga, nos impéde de nos insultar, de nos devorarmos. Nossas amarguras são bem diferentes, mas têm de comum o serem humanas, quer dizer, desvalidas e sempre necessitadas, e isto nos torna vibrantes como um posto receptor que recebe as ondas indistintas, musicas, mensagens, palavras que se contradizem, se férem, urros e uivos, guinchos e gritos, e no entanto são musicas dos homens para uso humano, palavras á procura de uma boa vontade que as entenda.

Estamos juntos, tão desunidos, tão proximos, tão afastados. Desconhecidos.

Agora estamos em volta da mesa, um instante só. Depois nos separaremos, cada um pelo seu caminho: mas depois de andar um pouco sósinhos, de novo nos encontraremos: só ha um caminho para andar no mundo. Todos se encontram ai. Uns vão com orgulho, o bom orgulho dos que se amam, sorridentes, cabeça empinada, olhando em frente; outros vão de olhos fechados, braços estendidos, tateando o caminho dos cégos. Outros andam recuando. Outros se deitam.

Contanto que se dêm as mãos, ai se reconhecerão. Mas qual. Ha entre eles uma mesa, ou um rádio que bérra, ou um bêbê que estende os braços, ou um croché de côres vivas, ou um jogo de cartas, partidas de futeból, pique-nique gorado, visitas que se fazem, visitas que se recebem, uo um quarto feito a defunto, ou um riso incontido na hora do recitativo, ou peór do que tudo, alguma coisa menór do que isso: um silencio, ou excésso de palavras.

Durmamos. Em volta da mesa, pousemos as cabeças nos braços, como si elas voltassem de uma longa viajem pelos ares. Enquanto não pudérmos estar acordados á vontade, é dormindo que a gente se encontra. Os dominios da bela adormecida não são um bosque. São o mundo. Este em que estamos. Estranho muudo em que as melhores palavras não se dizem, e se jóga baralho e se morre de silencio e se lêm jornais e se liga o rádio e se expulsa a verdade de todas as cabeças. Somos quatro em volta da mesa. O silencio nos esmaga; flutúa nos nossos pensamentos mais remótos a lembrança da bela adormecida no mundo. Aquela que enche os sonhos dos presidiários da Guiana.


## Livraria EDITORA BAHIANA

| AUTOR — RELAÇÃO DAS NOVIDADES | — PREÇO |
|---|---|
| A. MATTOS - Prehistoria Brasileira | — 12$000 |
| C. PONTES — Tavares Bastos | — 12$000 |
| E. CURIE —Madame Curie | — 12$000 |
| H. PONGETTI e JORACY CAMARGO Teatro da Criança | — 10$000 |
| L. COLLOR - Garibaldi-Guerra Farrapos - | 25$000 |
| C. SOUZA — Komintern | — 10$000 |
| A. REBOUÇAS — Diario | — 25$000 |
| A. JACOBINA — Dias Carneiro | — 8$000 |
| F. V. FILHO - Euclides da Cunha a seus Amigos | — 8$000 |
| G. RAEDERS - D. Pedro II e o Conde de Gobineau | — 18$000 |
| C. SEIGNOBOS - Hist. Sincera da França - | 15$000 |
| C. ALVES - Obras Completas - 2 vols. | — 25$000 |
| DECIO S. - A Hora da Saudade | — 7$000 |
| M. DEL PICCHIA - Kummunká | — 8$000 |
| S. DUMONT — Os Meus Balões | — 8$000 |
| E. PONTES — A Vida Dramatica de Euclides da Cunha | — 20$000 |
| LUIS C. - Elementos de Estatistica | — 15$000 |
| LUCIA P. - Amanhecer | — 8$000 |
| GILKA MACHADO - Sublimação | — 8$000 |
| NÊNÊ MACAGI - Chica Banana | — 8$000 |
| HEITOR MONIZ - Berlim Paris Roma - | 6$000 |
| ANDRÉ MAUROIS - Bernardo Quesnay - | 7$000 |

# EUCLIDES DA CUNHA

## LUIZ VIANA FILHO

Um dos aspétos da literatura do nosso tempo é o interesse do publico pelas biografias. Ha uma geral curiosidade em saber o caminho seguido por cada homem que conseguiu elevar-se acima da média comun da humanidade, afirmando-se em algum dos departamentos da atividade, seja pela ação, seja pela inteligencia. Não seria, porém, dificil notar-se que em regra os individuos victoriosos são aqueles que se caracterizaram pela independencia do carater. Se muitos caminhos conduzem a Roma, todos, no entanto, parecem partir desse tronco comun, que permite o impeto inicial para a jornada.

A vida de Euclides da Cunha, que acaba de ser escrita por Eloi Pontes num trabalho de vivo interesse, é mais um exemplo a juntar-se aos muitos existentes. Se outras grandes qualidades formaram o arcabouço da obra singular do escritor, nem por isso seria menos exáto observar-se que não teria alcançado as culminancias a que chegou se não a marcasse sempre uma total independencia espiritual, que lhe permitiu vêr e dizer o que outros antes dele não tinham visto ou pelo menos não tinham tido a ousadia de dizer.

No temperamento agitado de Euclides a inexistencia de preconceitos capazes de lhe deformarem o raciocinio e o desconhecimento absoluto do mêdo de afirmar o que lhe parecia a verdade formam a linha mestra. Nela é que se entrosam e se esteiam as outras virtudes, que lhe ornaram o espirito e deram realce, pela fórma, ás idéas e ás teses que defendeu. Desde a juventude Euclides estava inteiramente dominado por essa integridade mental. Era um homem livre. O conhecido episodio da Escola Militar é disso a primeira manifestação publica. A presença do Ministro da Guerra não impede que realize o que fôra combinado entre os colegas incapazes de levarem a efeito quanto haviam concertado. E, dando um passo a frente, na linha de formatura militar, procura quebrar o sabre, terminando por atira-lo aos pés do Ministro. O fáto valeu-lhe a exclusão da Escola. O castigo, porém, não o modificaria. Euclides, por toda a vida, continuaria igual a si mesmo.

Passados alguns anos, já proclamada a Republica em cuja ideologia se integrára, ei-lo em Canudos. A confusão da época, tão cheia de intolerancias e de preconceitos, deformava os acontecimentos, dando-lhe proporções e motivos inteiramente fantasticos. Ninguem, porém, parecia ter calma para se deter num exame objetivo do fáto e das causas reais que o haviam gerado. Mesmo os mais sinceros não se podiam libertar da torrente de falsos motivos, que apontavam em Canudos o ultimo reduto da Monarquia deposta. Emprestava-se a luta um carater de guerra civil, em que duas ideologias se defrontassem irreconciliaveis e cheias de odio. E as armas da Republica, batidas as primeiras expedições, investiam clamando por vingança, implacaveis. E o fragil Canudos, que se fizéra uma fortaleza quasi inexpugnavel deante do exercito, desapareceu num montão de ruinas donde poucos foram os sobreviventes. Euclides, como outros, fôra testemunha do drama. Quantos, porém, teriam a coragem de conta-lo sinceramente, sem omissões propositadas? Muito poucos. Euclides estava entre estes. Nasceu assim «Os Sertões». A verdade aí estava sem jaça. Não lhe atemorizavam receios de magoar companheiros ou provocar revides. Era a verdade e devia ser dita.

Euclides tinha o culto da verdade, e felizmente viveu numa época em que o podia ter. Não escreveu sob a restrição de nenhum preconceito, que lhe deformasse o pensamento e a maneira de sentir o Brasil. Por isso mesmo conseguio realisar uma grande obra de patriotismo e de fé, em que o homem pôde aparecer como era, sem mutilações, sem formas dubias, medrosas, incolores. Pôde dizer como sentiu e como viu atravez do seu temperamento. E aquilo que antes dele se poderia ter como temeridade se afirmar acabou por ser verdade consagrada e indiscutida.

O amôr á verdade foi o caminho para a imortalidade. Buscando-a livre de qualquer censura, alheio ás idéas preconcebidas, indiferente ás formulas consagradas, conseguiu investigar os fátos, que lhe coube analisar, com inteira independencia mental. Fê-lo sempre como homem livre que era, revendo os proprios conhecimentos e submetendo-os a constantes experiencias capazes de apontarem as falhas anteriores. Não se submetteu ao que outros haviam dito ser a verdade.

Procurou-a ele proprio. E por isso mesmo se afirmou como um vulto de excepção, acima de outros homens, que acreditavam sem saber por que ou que não tinham a coragem de descrêr.

# A DANÇA DOS GENTIOS

## EUGENIO GOMES

*A viôla que o homem trigueiro*
*pontúa, cravando os dedos rudes*
*nas córdas lamuriosas, relata*
*a historia dos caboclos invisiveis*
*nas selvas das arvores desgadanhadas.*

*

*Na terra das arvores desgadanhadas,*
*a agua cessou de correr nos rios*
*os passaros cessaram de cantar nas ramas*
*e os sincerros das tropas deixaram*
*de tintinabular na faixa das estradas.*

*E o homem trigueiro que viu*
*a fantasmagoria noturna da serra*
*e ouviu o abôio do vaqueiro desconhecido*
*e o tan-tan dos pilões na noite morta*
*abandonou a chóça*
*exconjurando a terra das arvores desgadanhadas.*

**

*Na terra das arvores desgadanhadas,*
*ha rios em fuga*
*cortando voltas*
*sob pedradas de estrelas.*

*Ha cipós oscilantes*
*como cordas de laçar*
*laçando a noite malabar.*

*Ha luzes perdidas*
*acendendo no ar*
*apagando no chão,*
*como corujas gira-girando no escuro*
*as penas incendiadas.*

***

*E ao barulho dos quatro ventos*
*cruzando-se ás tontas*
*nas encruzilhadas esconsas,*
*a selva magra*
*esfuzia em silvos*
*arrepiantes de zumbis bravios.*

***

*Com os gentios*
*se erguendo dos esconderijos da terra*
*rebôa*
*no êrmo*
*a musica selvagem*
*que emudeceu trezentos anos.*

*E a terra escuta*
*recrudescer,*
*dentro da musica barbara,*
*todas as vozes da fauna estúrdia*
*que o homem branco*
*matou*
*dispersou*
*espalhando o mêdo e a morte*
*no mundo que não conhecia o mêdo,*
*no mundo que zombava da morte.*

*E o caldeirão em que a agua se criva*
*de estrelas é como a palma*
*aberta de um gigante,*
*o braço estendido*
*por baixo das lageas,*
*para dar de beber a todos os bichos*
*da fauna remota e desaparecida.*

****

*Toda a serra se estria*
*de esguias rajas verdes.*

*E as chamas que corôam*
*os fachos invisiveis*
*brandidos no alto da serra*
*são como dançarinas que houvesem*
*mergulhado na fonte acêsa do ocaso*
*para virem dançar*
*dentro da noite*
*trazendo ainda*
*todo o fôgo do sol nos cabelos revoltos...*

*A dança louca*
*das chamas loucas...*

*Ouro pagão!... Ouro pagão!!...*

*Os gentios donos da terra*
*estão a dançar na serra malassombrada*
*a dança noturna do fogo*
*que risca no chão*
*os pés fugitivos*
*como uma horda de demonios assanhados.*

*Mas a dança pouco a pouco se finda.*

*E quando a manhã chega*
*os fogachos da serra*
*pelas mãos crispadas*
*das arvores desgadanhadas*
*alcançam o céu*
*e vão subindo subindo*
*para alumiar o dia.*

# MACUMBA

## Brasilio Machado Filho

Assim que a noite desceu para o morro imenso, o barulho começou. Começou quente mesmo, com batido de pandeiro bamba, com sapateado pezado dos irmãos negros. Era isso mesmo. Samba zoava, zoava muito... se alastrando pelo morro, atéos seus confins. De longe se ouvia o gritamento dos irmãos, a zoada rouquenha dos pandeiros, o baticum, o pulo dos negros esparramando os pés no chão de barro-batido do barracão. Ouvia-se tudo de longe, em surdina. Mas assim que se aproximava do barracão, os sons naturalmente cresciam, não se ouvia mais a zoada, zoada nenhuma vindo pela terra, vindo pelo sub-solo, descendo pelas ladeiras do morro... No barracão havia um filó grande acêso, pendurado num prego, o prego fincado na parede. Cobertura de palha, paredes forradas de palha, mas nunca houve incendio... Força de macumba dos nossos avós? Isso é coisa profunda... e ele é somente extenso, bem extenso, chão batido, avermelhado e bandeirôlas espaçosas servindo de fôro. Bancos compridos, muito povo sentado. E o samba velho bomzão se espalhando por aqueles cantos todos, se espalhando cada vez mais puxante, cada vez mais diferente.

Agora mudou o ritmo. E no nosso ritmo de raça, as nossas irmãs, as minhas irmãs negras, dansam e dansam a dansa exquisita de negro. As dansas que vieram tambem nos navios negreiros. Os canticos fazem estremecer os corpos virgens e pretos das irmãs e fazem o povaréu que assiste ficar com ares misticos. O batuque tem canticos tristes que enchem a noite longa do morro de qualquer coisa misteriosa. As negras pretinhas se quebram na sala, reverenciando. E. negros musculosos, de tronco gigante e carapinha no tempo, entôam canticos de macumba. Um negrão ao canto se levanta: é o «pai de santo», é o «pai de santo»... De pé, ele é 10 vezes maior do que eu e de que todos os outros negros que cantam e tocam. Parece que ele é um gigante, gigante da raça. Escala a bocôna e seus dentões se mostram. A sua lingua grandona, os seus dentes de fóra, o seu nariz batido, sua cabeça chata e seu cabelo miúdo, agarrado no casco, os seus braços e suas pernas enormes, arrastam a atenção de todo mundo prá ele. De sua bôca imensa, saem palavras em nagô. Ele diz coisas que a assistencia ignora, mas que a gente não ignora. E as pretinhas que sapateiam ritualmente, entendem e respondem. Tocam tabaques, o couro ronca macabro feito cuica, suam, abrem a boca e soltam termos em lingua embolada e misteriosa. O negrão ergue os punhos, tem a cara bem feia, berra coisas em nagô. A gente responde cabisbaixo e não sei como a cara da gente tambem fica com o mesmo signal do negrão. Sôam os tabaques. Os sons se misturando com os canticos e os gritos histericos das negrinhas irmãs que rodopiam delirando, no meio do barracão. E vozes em nagô:

...Babá eh eh eh
Babá ô mi lô kê
Eh eh eh eh
Babá ô má i ô
Babá...
Babá ô mi ô ô ô ké...

E se levanta os punhos, os punhos berrando com toda a força de negros, dansando em torno do velho negrão, que sorri entre os dentes, caricato e medonho...

...Eh eh ô ô ô
Eh!
O ké.

E a macumba prosegue. A noite bem longa. E o ceu sô tem estrelas. A noite bem longa...

Agora, que a macumba vai terminar e que os canticos vão cessando, o ritual esfriando, o velho negrão diz mais alguma coisa em nagô. As negras irmãs estenuadas se estrebucham na terra. Os dentes rangindo, trancados, espuma escorrendo pelos cantos da boca, saionas arribadas... O velho negrão murmura ainda nagô e tudo se acaba. Cai sobre tudo, dentro da noite da macumba, um ar mais pezado ainda, cheio de misterios. Orixá desceu no barracão, desceu nas negras mais moças e encheu o ambiente de profundo respeito e de rituais. Agora cessa tudo isso porque «o pai de santo» mandou. O «pai» tem muita força. O «pai» pode tudo. Parou tudo, tudo e como uns «brutos» se cae na cachaça, pra se esquecer do mundo... que mundo se esqueceu da gente nos fundo dos seculos...

# MUSIC-HALL

*Os barulhos do mundo se dissolvem*
*em resonancias intimas no cerebro do Poeta*
*como o acender de um fosforo na nave de uma catedral.*

*A catedral é uma mão que se perde*
*nas tempestades de ruidos liturgicos*
*onde os trovões são apenas bocejos do cosmo*
*e a voz de um bispo faz calar todos os generais.*
*Mas o bispo diluiu-se nas melodias diafanas de um orgão*
*depois de ter verificado sua incapacidade*
*quanto aos conhecimentos celestes.*

*Precaria sonoridade do coração humano!*
*Ah! sinto o desabar das abobadas.*
*Perdi a noção da acustica cerebral.*

*José Auto*

**Alfredo C. de Freitas & Companhia**
Successores de J. V. Ribeiro & Cia.
Commissões, Consignações e Representações
Importação e Exportação
Telegrammas: "Cairo". Caixa Postal n. 19
**Rua Portugal, 19 — 1.º Andar**
BAHIA — BRASIL

# Campos Sales

Tanto pelos seus defeitos, como pelas suas virtudes, umas e outros bem grandes, Campos Sales deve ser sagrado a figura mais representativa de politico da Republica Velha. Ninguem mais do que êle possuiu as qualidades e deficiências especificas do malsinado homem publico dessa fase de quarenta anos da historia democratica brasileira.

Como todas as figuras de chefes mais salientes do primeiro periodo republicano, á exceção dos dois soldados do quadriênio inicial, era um espirito de déspota em perpétua luta com uma cultura juridica. Temperamento intimamente mais autoritario do que o de Floriano, apesar de vaidoso sabia revestir da forma legal mais ou menos perfeita a expansão duma vontade de ferro.

Politico por excelencia, a formação doutrinaria e cultural lhe não impedia de encarar os problemas de governo com profundo senso da realidade. Sob êsse aspéto, a sua desenvoltura se aproxima, ás vezes, do crime de responsabilidade. Não possuia inteligencia excepcional e requintada por longa e paciente cultura como Rui Barbosa. Não tinha a austeridade, a compostura e a modestia de Prudente de Moraes. Não era dotado da visão global dos problemas politicos e administrativos como Rodrigues Alves. Nem sempre se preocupou com a coerencia entre os seus átos e as suas opiniões anteriores. Contudo, foi um grande presidente, talvez o maior dos presidentes da republica.

Reprocha-se a Campos Sales, frequentemente, ter sido o apologista e o instituidor da famosa «politica dos Governadores», formula pratica de esmagamento das minorias e de consolidação das oligarquias estaduais. Não se defendem da acusação, mas, pelo contrario, confessou-a, justificando-a como necessidade politica compativel com a organisação federal. Acusaram-no igualmente de haver desviado dinheiro da nação para suborno da imprensa. Tambem confessou tranquilamente essa falta, que lhe poderia acarretar um processo funcional, sem prejuizo de outras medidas penais, a despeito de ser êle a propria probidade em pessôa.

A intuição da realidade lhe revelou que não poderia levar a cabo o seu plano financeiro de rehabilitação do credito, elevação do cambio e equilibrio orçamentario pelos meios energicos do aumento de receitas e córte severo de despesas sem contar com a bôa vontade do parlamento e da imprensa.

Venceu o primeiro pela politica, — a formula dos governadores, e domou a segunda pelo dinheiro. A solução não se concilia com a moral, mas foi pragmatica e patriotica.

Quando Campos Sales assumiu a presidencia, a situação financeira se apresentava aflitiva, em consequencia das emissões massiças dos primeiros anos da republica e de outros erros administrativos. No estrangeiro, o Brasil era reputado país em falencia, depois de ter gosado de credito invejavel durante os setenta anos de monarquia. Celebrado o «funding», os tecnicos e observadores financeiros não deram a menor credulidade á energia do presidente da republica, que se propunha a sanear o meio circulante, reduzir as despesas, fomentar as arrecadações, equilibrar o orçamento e retomar os pagamentos suspensos e adiados, tudo no espaço dum quatrienio. A propria rapidez com que se propunha a efetuar deflação constituiria uma causa de fenomenos perturbadores da economia, como a crise ruidosa do Banco da Republica e de outros estabelecimentos viria demonstrar.

Campos Sales teve preliminarmente o merito de descobrir em Murtinho o colaborador de que necessitava. Com uma tenacidade incrivel, resistiu á reação furibunda dos interessados, porque — é preciso não esquecê-lo os periodos de depressão financeira e economica geram abutres, que disputam a carcassa nacional com apetite feroz.

A hostilidade contra o plano do governo encontrava baluartes inexpugnaveis. A condenação de Rui Barbosa á politica financeira suscitava duvidas a respeito do acerto desta, sabido que o politico bahiano era, talvez, no país, o mais autorizado estudioso do assunto. Na Camara, o deputado sergipano Fausto Cardoso coordenara a oposição e mantinha aceso o combate ás medidas de Murtinho. Na imprensa, o «Correio da Manhã», por isso mesmo que resistira aos acenos da corrução azinhavrada, criara formidavel autoridade moral sobre a opinião publica, que excitava diariamente contra Campos Sales. Para corôar esse quadro de embaraços, os bancos experimentavam sincopes perante o abalo de confiança determinado pela brusca alteração da politica monetaria, a peste bubonica alarmava certa parte do pôvo e a sêca desalentava o Ceará.

Campos Sales venceu tudo. Comprimiu a despesa. Equilibrou o orçamento. Retomou os pagamentos. Elevou o cambio de 5 para 10, preparando o terreno para que, três anos depois, saltasse para 16. Espantou os observadores estrangeiros, de modo que o velho Leroy Beaulieu, então, o economista mais em fóco, tomou o caso do Brasil para exemplificar, com as referencias mais honrosas a Campos Sales, como um país pode sair dos maiores apuros financeiros em curto lapso de tempo. Em todas as edições do seu livro de finanças, daí por deante, cita o singular caso brasileiro.

Não há, na historia do Brasil, maior amostra de disciplina, de força do Estado, de coordenação de energias entre o povo e o governo, nem mais brilhante caso de exito magnifico em tão escasso decurso de tempo: quatro anos de presidencia de 1898 a 1902. Conseguiu-o Campos Sales, um politico com as virtudes e defeitos dos politicos do passado. Registre-se mais uma particularidade desse politico: — não pediu estado de sitio, não tolheu a livre manifestação do pensamento, não suprimiu uma só das garantias individuais, não prendeu qualquer dos adversarios do seu governo, manteve inalterável a ordem publica e, depois de quatro anos em que ofereceu a maior prova de eficiencia politico-administrativa da nossa Historia, recolheu-se aos penates, recebendo como recompensa uma das mais celebres vaias presenciadas no Rio. Era um dos tais politicos da democracia.

# Um politico

**Aliomar Baleeiro**

**Loja Elegante**

apresenta semanalmente as
ultimas novidades

LOJA ELEGANTE

Chile 23 Tel. 2679

# HISTORIA E FILOSOFIA

LUIZ BASTOS

No artigo anterior dessa revista, tivemos oportunidade de salientar, ainda que de uma maneira sucinta, a necessidade de se estudar a Filosofia paralelamente ao estudo da Historia. Tratando-se de um assunto, ao nosso ver, fundamental, sobretudo para a compreensão da Filosofia, ele exigiria pelo menos um volume para sua demonstração, mormente numa epoca como a de hoje em que os dados mais significativos da Historia, como da Filosofia, são habilmente escamoteados, afim de que o leitor demasiado curioso e analista não tenha a visão das relações existentes entre aqueles dois ramos da ciencia e não tire conclusões, quem sabe. . . inconvenientes.

Todavia, para melhor salientar a necessidade desse metodo, isto é, a imprescindibilidade de se estudar o ambiente economico, politico, historico para compreender determinada corrente filosofica, é interessante observar como existe por assim dizer uma *evolução paralela* entre a Historia e a Filosofia.

* * *

O Materialismo surge, na historia da Europa de após Cristo, no seculo XIII, com os primeiros vagidos da Burguezia em formação e ha de seguir, acompanhando-a seculos em fóra, em todos os seus altos e baixos, influenciando-se mutuamente.

A quarta, sexta e oitava Cruzadas, a consolidação das cidades livres, a luta contra o Feudalismo, a formação das Hansas, verdadeiros organismos economico-politicos — os primeiros — da Burguezia em formação, o uso da polvora, da bússola, do papel, etc., compõem, no brilhante seculo XIII, e não por acaso, o ambiente em que se desenvolverá o pensamento do genial franciscano Rogerio Bacon, — o pae do materialismo.

O seculo XVIII, o segundo grande seculo da Burguezia, durante o qual esta atinge ao apogeu do seu desenvolvimento politico, o é tambem do materialismo. Nessa época, todos os grandes espiritos da Europa estão impregnados de materialismo filosofico. É o periodo da conquista do poder politico. O seculo seguinte é a fase da consolidação burgueza. E o materialismo, como doutrina da Burguezia, se detem num ramerrão lamentavel. O seculo XX, o terceiro grande seculo da historia da Burguezia, marca o declinio da Burguezia como classe e o materialismo, como as avós mestiças desprezadas pelos ingratos netos "brancos", é recolhido para o fundo da casa, oculto aos olhares penetrantes dos visinhos e amigos.

* * *

É comtudo importante acentuar que nem sempre a Historia e a Filosofia caminham assim inseparaveis, como que de mãos dadas.

Ao contrario, mais frequentemente se nota que ambas caminham por *saltos bruscos*, em determinados momentos, e esses saltos, *não são simultaneos*.

Ora é a Historia que marcha anos, seculos, emquanto a Filosofia permanece estacionaria. Em dado momento a Filosofia dá um brusco salto sobre os anos, espantando os contemporaneos retardados, sendo necessarios anos e mais anos antes que a Historia atinja ao ponto a que chegou a Filosofia, quando então se realiza como que um *reajustamento* entre ambos. Muitas vezes, entretanto, esse reajustamento se realisa por um salto brusco, dado dessa vez pela Historia: é a revolução politica.

Em um ou outro caso o ambiente historico, sintetizado pelas necessidades materiaes e espirituaes da época, se condensa em um determinado individuo, "louco", genio ou chefe, e é preciso esperar anos e anos antes que a humanidade ou o agrupamento social a que pertence, tome conhecimento do progresso efetuado.

Existe em cada momento da historia da humanidade, como que um *espirito da epoca*, que flutua como uma nuvem imperceptivel e que insensivelmente impregna todas as mentalidades, emquanto que, *ao mesmo tempo*, novas circunstancias de ordem material e mesmo moral, vão paulatinamente modificando o ambiente, o meio social. A principio só os homens de genio são tocados por esse novo espirito em formação, emquanto o resto da humanidade vae levar ainda muitos anos e quiçá seculos, chamando-os de loucos e charlatães, antes que se curve a seus pés. Taes por exemplo os casos de Cristo, de Rogerio Bacon, de Galileu e quantos outros.

Naturalmente esse reconhecimento postumo não é obra do acaso, ou simplesmente da propaganda. Mas é que as novas condições que de inicio somente impressionaram certos individuos superdotados, muitas vezes mesmo sem que estes tivessem conciencia da importancia de suas afirmações, essas novas condições, dizemos, se vão tornando cada vez mais importantes e tão evidentes que acabam sendo sentidas por todos.

Durante mil e quinhentos anos a humanidade viveu embriagada por Aristoteles, cujas idéas, aproveitadas, mal digeridas e quando necessario deformadas, eram uteis ao feudalismo. Quinze seculos caminhou a Historia em sua marcha implacavel emquanto a Filosofia se mantinha imovel.

Súbito surge, na escuridão medieval, um clarão de luz, o primeiro: Rogerio Bacon. A Filosofia tinha realisado um salto. Novos saltos: Francis Bacon, Kepler, Galileu, Newton, Savonarola, Descartes, Spinoza. . . E em poucos anos a Filosofia caminha alguns seculos, emquanto a Historia, continúa lenta e imperturbavel. Mas não tardará muito em sentir a influencia desses saltos.

A Filosofia materialista, elaborada subterraneamente, pelas novas condições creadas pela decadencia do feudalismo, pelo nacimento da Burguezia, surgiu repentinamente, num salto brusco. Esse mesmo novo espirito se vai desenvolvendo, inflamando novas mentalidades, até que se realise um *reajustamento:* É que a Historia por sua vez dá um salto brusco e cai na Revolução Franceza de 89. Desde esse momento a Historia e a Filosofia passam a caminhar juntas, harmoniosamente. Mas esse passeio não vai durar muito.

A Historia prosegue a sua marcha — a Burguezia se consolida — e toma novamente a deanteira sobre a Filosofia. O materialismo, em vez de proseguir na sua marcha dialética, torna-se «vulgar», isto é, se deforma e se adapta a novas condições. A vitoria da Burguezia traz em seu seio a sua propria destruição: é o que nos mostra o desenvolvimento dialético da Historia. Pensando deter o tempo a Burguezia detem a Filosofia. Sem embargo a Historia prosegue embora a Filosofia esteja parada.

Mas as novas condições creadas pela vitoria da Burguezia, vão creando um *novo espirito*. Esse novo espirito se revela mais uma vez pelo pensamento de um genio, em meiados do seculo passado, atravez de uma filosofia que se chamou «materialismo dialetico».

Foi um novo salto brusco, pelo qual a Filosofia se adeantou, pelo menos, cem anos á Historia.

Todavia, como o antigo espirito escolastico que durante seculos dominou a Humanidade, sem permitir que a nova Filosofia—burgueza — materialista — surgisse, do mesmo modo a atual Filosofia permanece estacionaria, antes que o novo espirito em formação venha por sua vez dominar no mundo .

A Burguezia, que se procura libertar do materialismo, busca uma nova Filosofia para substituir aquela, não no futuro, tão incerto, mas no passado, na propria Escolastica.

A nova escolastica, a verdadeira filosofia contemporanea, durará ainda muito tempo. Mas parece fóra de duvida que um novo reajustamento virá, afim de mais uma vez integrar a Historia na Filosofia.

E' o que nos indicam os seculos que já vivemos.

---

**Seiva**

**solicita intercambio cultural**

Libros, Publicaciones, Periódicos, Tópicos, Comentarios; y, enfin, toda clase de colaboración que refleje y exprese maduramente el pensamiento Americano tendrán acojida fraternal por esta nueva revista que acabamos de iniciar.

A todos aquellos amigos y companeros que nos quieran distinguir con sus colaboraciones les enviaremos gratis nuestros ejemplares. Hacemos extensivo este envío a todos nuestros hermanos de América y del Extranjero.

SEIVA, es un trabajo de los Americanos del Brasil.

# Um Homem com um Violão

## Michael Gold

A America Latina como a Grecia antiga, a America do Norte como a velha Roma, são duas civilisações que se completam. Sinto um prazer quando vejo como o rapaz cubano, heroico e cheio de alegria com a sua rumba, o seu bolero e as valsas apaixonadas, prende a nossa fantasia de nordestinos.

Ao redór de «Teims Skver» e pelas ruas e travessas tortas de «Grents Vileds» existem atualmente dezenas de pequenos restaurantes, que são as ante-salas da simplicidade romantica. Alguns deles são palacios bem decorados, tipicos clubs noturnos da Broadway. Muitos, porém, são tão simples como um prato de arroz e quiabo da cosinha camponesa. Pequenas mesas e tamboretes feitos por mão propria, uma bodega em que se servem cerveja e vinho, uma cosinha pequena da qual saem alguns menús simples, alguns quadros com tintas berrantes de vulcaim e palmeiras sobre as paredes. E' tudo o que possuem. Aí não domimina o luxo materialista, porém, cousa melhor. A alma destes logares pitorescos é o violão.

Quero falar de um destes restaurantes e de Panxito — o tocador de violão. Panxito é um camponês indio de Tachaka, uma das cidades montanhosas do Mexico. Panxito foi atirado de lá para aqui, como inumeros mexicanos, no tempo do grande «Bus». Trabalhava na industria de aço em Chicago, porém, nunca soube economisar como desejava. Quando o famoso «Bus» faliu, o indio ficou perdido com as saudades ardorosas na terra fria e estranha. Mas seu violão o salvou. Esse homem moreno e forte, com o peito de um boi, o rosto misterioso de um deus indio, é um dos tais genios musicais da natureza, que se encontram tantas vezes entre os povos da America Latina, raça de artistas por temperamento.

Panxito tocava seu violão maravilhoso na colonia mexicana em Chicago—nas festas, nos dias santos, nos restaurantes pequenos e escuros. O pessoal cuidava dêle. Nunca precisou arranjar um leito para pernoitar. Quando necessitava de uma camisa era o pessoal quem dava. Qualquer um pagava a cerveja. A sua musica embevecia. Queriam que nunca parasse e que tocasse eternamente. E Panxito tocava sem nunca parar. Adorava a musica. A musica era o seu lar, sua esperança e sua vida. Que mais deseja um homem, si tem pão e musica?

Assim, satisfeito, ele vivia. Mas, então, aparece o diabo no cenario da sua vida: Pep. Pep é um moço mexicano, magro e lustroso, das terras das fronteiras, onde o comercialismo americano e o turismo penetraram e corromperam muitos mexicanos. Falava um inglês quasi perfeito. Sabia aproveitar as oportunidades. Um individuo «experiente». Pep não era bôbo. Quando descobriu o indio e ouviu a musica sair dos seus dedos no violão, Pep bateu na testa.

A sorte, á sua procura, batia na porta.

Ele possuia uma voz fininha, coitado, e no violão não dava quasi nada. Mas, fez camaradagem com Panxito e conseguiu tocarem juntos no radio. Obtiveram sucesso. A arte de Panxito era suficiente. Pep, musicalmente, tinha que ficar atraz da cortina. Dirigia os negocios e as contas de ambos. Conseguiu um contrato melhor.

Alcançaram New York. Aí, depois de dois anos de sucesso no radio, abriram um restaurante no «Teims Skver». Tambem nisso tiveram sorte. A novidade de que um excelente musico tocava violão num restaurante, espalhou-se rapidamente. Panxito conquistou novos mundos.

O restaurante mudou-se para um logar mais rico. Transformou-se num club noturno. Agora, já havia uma orquestra para dansa e outros numeros. Mas Panxito continuava a ser o numero principal. Era o astro em todos os programas e arrastava dezenas de ouvintes todas as noites. Pensavam que o restaurante era dele e queriam ajuda-lo. Panxito se tornava cada vez mais popular.

Qual o lucro do restaurante, Panxito nunca soube. Nunca olhou os livros. Pep comprava as suas roupas, pagava as suas despesas e dava o dinheiro para os seus gastos.

Certo dia, Pep disse-lhe:

—Panxito, acabou-se. Você está bebendo demais. Os visitantes queixam-se. Vá embora.

Panxito ficou piscando os olhos e disse:

—Pensei que fossemos socios. Vamos dividir o negocio.

—Não—respondeu Pep—não existe contrato legal. O restaurante é meu.

E Panxito foi-se. Pensou sobre o caso, lentamente, demorando a compreender como um camponês. Depois de muito pensar, resolveu vingar-se de Pep.

Mas as cadeias americanas são frias... Muito diferentes das mexicanas. O prisioneiro não pode levar comsigo nem um violão. Isto o assombrou. E, começou a beber.

Tornou-se um bebedo perfeito. Tocava por alguns centavos nas bodegas e em festas. Mas então o coração doia-lhe por ser um vagabundo.

Foi preso varias vezes por bebida e mau comportamento. Uma vez o juiz ameçou:

—Repita e será deportado para o Mexico.

Panxito viu a luz.

—E' isto mesmo que desejo—gritou.

Era uma dôr olhar para ele. Sujo, olhos inchados. Do rosto desapareceu a expressão de um deus indio. Sua hora, porém, soou. Os musicos do restaurant de Pep entraram em greve. Sindicalisaram se. Pep, agora rico, recusou-se a reconhecer o Sindicato. Os musicos formaram piquetes ao redór do restaurante.

Na ultima semana vi Panxito passear junto aos piquetes, limpo e asseiado, com um sorriso no rosto. Ele é o melhor entre os que formam os piquetes. Todos os visitantes que vinham ao restaurante por sua causa—e eram muitos—gostavam dêle e de sua musica. Não entraram mais no restaurante desde que Panxito lhes contou o que aconteceu. Pep exaltou-se tanto que ameaçou Panxito de morte. Panxito riu com muito prazer.

Finalmente vingou-se e sentiu um prazer na ameaça do traidor.

Panxito, de novo, tornou-se feliz. Compoz canções para os grevistas e toca-as no seu violão.

Os grevistas comprometeram-se a realizar um espetaculo em seu beneficio, quando ganharem a greve, conseguindo dessa forma para Panxito, algumas centenas de dolares. Então, ele poderá voltar para o Mexico.

Que mais deseja um homem—além do Mexico e de um violão?

---

# O Papa contra a barbarie

*As atitudes da Igreja despertam hoje, mesmo nos circulos não-catolicos, um vivo interesse. Essa nossa afirmativa é bem justa. A mocidade está deixando de lado certos preconceitos muito proprios do espirito limitado e unilateral do seculo XIX. Mesmo que não esteja inteiramente sob a vida espiritual que circula na Igreja, está, no entanto, presentindo que ela não é a «cidadela do obscurantismo», nem foge aos imperativos da realidade social comandada pelos fenomenos de ordem economica e politica. A Igreja hoje está presente em todos os setores. A sua voz poderosa levanta-se para condenar o erro, onde quer que ele se encontre. Não podia deixar portanto de condenar o nacional-socialismo e agora o fascismo, cujas teorias absurdas de superioridade racial constituem uma violação dos direitos da pessôa humana e uma regressão á barbarie, entravando sensivelmente a marcha da cultura, da paz e do progresso.*

*As enciclicas contra o nazismo, o racismo e o anti-semitismo são documentos magistrais, comparaveis, pela segurança da doutrina e pela solenidade de suas expressões, aos primitivos atos apostolicos.*

*Têm um valor extraordinario esses documentos com que o Papa, um velho de 81 anos, armado com a força insuperavel da Fé, defronta para reprovar estes governos barbaros que argumentam com estatisticas de aviões e de metralhadoras.*

# ROTEIRO DA

## Brasil

I — Por convite especial do governo italiano estiveram em visita áquele paiz alguns jornalistas brasileiros.

Esperava-se que eles dessem as suas impressões. No entanto acontece que nenhum deles quer falar...

Por que?

II — Está aqui um prelado de atitudes amplas e viris: D. João Becker, arcebispo de Pôrto Alegre.

Governando essa arquidiocese, nas horas agitadas que temos vivido nestes ultimos anos, nunca a sua palavra se retraiu. Foi sempre o ministro de Deus a serviço das forças de construção nacional, com uma coragem que honraria o mais ardente dos estadistas. A sua personalidade sempre se projetou á margem ou no amago dos problemas cruciantes do nosso paiz.

Não somente o clero, mas tambem o povo, a grande massa, conhece e acata a explendida sinceridade do nobre sacerdote. Porque ele desvelado no amanho da gleba cristã, compreende profundamente que as funções do espirito não se podem, de modo algum, divorciar do estudo atento das transformações que as leis sociais determinam.

O seu testemunho, não é o testemunho de um qualquer. Ha nele sempre a claridade, a força convincente que só os homens de inteligencia sadia sabem e podem imprimir ás suas observações.

Pois bem: é um prelado dessa estirpe que vem desfazer as farças ilusões que ainda existiam, entre alguns brasileiros, sobre o caráter das perseguições religiosas na Alemanha. As contestações enviadas sempre por agencias interessadas ao noticiario dos atos de vandalismo de que estão sendo vitimas os catolicos e os judeus do paiz de Goeth e da «weltkultur» cáem aniquiladas ante a narrativa impressionante do pastor gaucho.

Pretendendo substituir a cruz de Cristo, serena e imortal, pela cruz swastica, transitorio simbolo de doutrinas politicas, Hitler descamba inludivelmente no caminho tortuoso do sacrilegio.

E é uma pena que a grande, luminosa civilização alemã, ao invez das palavras a que dantes fazia jús, inspire aos visitantes ilustres, como D. João Becker, as referencias pouco lisongeiras que acabam de fulminar os atos brutais dos «camisas pardas» e do nacional-socialismo.

## Argentina

I — Acaba de aparecer nesse paiz mais um jornal de cultura: ITINERARIO DE AMERICA. Dirigido pelo escritor Atilio Garcia Mellid trata de «todo lo que passa en America en materia de cultura». E de fáto: ha informações de todo o continente e artigos assinados por escritores argentinos, brasileiros, colombianos, cubanos, chilenos, mexicanos, peruanos, bolivianos e uruguaios. Nomes como Pablo Neruda, Mariano Azuela, Luiz Alberto Sanchez, José Lins do Rego, José Marti, Porfirio Diaz, Jorge Icaza, Quinquela Martin, Pedro Leandro Ipuche, Armando Cascella, E. Gutierrez, German Arciniegas, Eduardo Mallea, trazem a voz de uma America em trabalho fecundo de retificação e autonomia. A voz de um continente que quer ser creador, depois de haver sido por varios seculos apenas o escravo e copiador da velha Europa.

## Chile

I — Agora em Janeiro realizar-se-á em Santiago a 1.ª Conferencia Americana de Cooperação Intelectual. O Brasil vai enviar a seguinte comissão: Roquete Pinto, Edmundo Luiz Pinho e Abelardo Bruno do Prado.

Essa cooperação intelectual impõe-se, não só pela necessidade da creação de laços espirituais entre os estados americanos, mas tambem como um movimento de unificação, nessa hora em que forças monstruosas ameaçam destruir o alto monumento da cultura.

## Perú

I — A Conferencia de Lima foi o acontecimento mais importante desses ultimos tempos na vida das Americas.

Ao lado de todas as razões sentimentais e dos grandes interesses culturais, economicos e politicos, veio se juntar nos ultimos tempos esse caso grave, esse motivo decisivo que nos impunha o estreitamento de relações e a propria união continental: a crise monstro que subverte atualmente toda a ordem da civilização. E que tambem constitue uma peste moral que ameaça fulminar todos os postulados da conciencia humana. E isto não é como uma ameaça ao futuro, mas como uma tragedia na realidade presente.

Portanto, a Conferencia de Lima, com as suas medidas, se nos apresenta como um notavel trabalho objetivo e concreto (como tão bem se expressou Cordell Hull) «pela nossa liberdade individual e segurança coletiva, para salvaguarda das nossas instituições, ameaçadas por interferencias externas, que visam impor, pela força, a aceitação de ideologias exoticas nos paizes do hemisferio ocidental».

## Mexico

I — A liga pro Cultura Alemã, nesse paiz, organizou ha pouco um Ciclo de Conferencias em favor da «verdadeira cultura alemã». Nesse «ciclo» tomaram parte Vicente Lombardo, Rafael Sanchez, Pedro Rivas, Clelia Tereza Pin, Luiz Sandi, Carlos Oklmysen, Alberto Garcia Mendonza, Ermilo Abreu, José Mancisidor e Enrique Gonzalez. Os temas tratados foram os seguintes: Goethe, Heine, De Mendelssohn a Hindemitr, Kant e Schopenhauer, Los Hermanos Tomas e Heirinch Mann, La Guerra Mundial en la Literatura: Glaeser, Renn, Scharrer, Arnold Zweig; Remarque.

Esse movimento despertou um interesse consideravel no Mexico e agora pode despertar tambem interesse identico entre os varios setores intelectuais do nosso paiz.

# AS AMERICAS

## Cuba

I — O poligrafo cubano Fernando Ortiz, agradecerá a remessa que lhe façam de material para um livro seu em preparação sobre a poesia negra e mulata. O pedido do ilustre escritor é dirigido aos poetas que, em qualquer idioma, sejam autores de composições no genero aludido e tambem aos colecionadores de canções e versos folkloricos que, pelo assunto, linguagem ou autor se relacione com a raça afro-americana. O seu endereço: Apartado 1649 —Havana—Cuba.

## America do Norte

I — O nosso intercambio falado no 1.º numero inicia-se agora com esse paiz. Foi quem primeiro nos acolheu. E com o nosso já conhecido Michael Gold.

O sucesso de Michael Gold, com os seus romances e os seus contos, no Brasil, não foi menor que no resto do mundo. Ele é uma força formidavel de equilibrio no arranco da vanguarda dos escritores modernos.

Agora, Michael Gold, escreve para o seu publico do Brasil e das Americas, um conto notavel: «UM HOMEM COM UM VIOLÃO».

II — Os srs. Raul d'Eça e Francisco Aguilera estão atualmente reunindo dados para uma antologia de poetas brasileiros. Esses escritores pretendem publicar essa antologia em espanhol com o fim de tornar mais conhecídos os nossos poetas nos outros paizes do continente. Por nosso intermedio, eles solicitam a remessa de poemas e dados biograficos e bibliograficos para serem incluidos na referida Antologia. Endereço: Raul d'Eça—2700—Que St., N. W., Washington. D. C.

III — Langston Hughes é a voz maior da poesia negra e já conhecida em todo o mundo. Os seus poemas são poemas que transpõem todas as fronteiras. Ora são versos vibrantes e ferozes: «Eu tambem canto a America». Ora é um chamado ao passado historico e psiquico de toda a raça numa triste e inquieta lamentação:

«Conheci rios:
rios antigos e sombrios
e minha alma tornou-se profunda como os rios»...

Mas, ás vezes, Langston Hughes deixa a sua condição de homem de côr na ancia das igualdades das raças e se torna cidadão do mundo: «CANTO DE ESPANA».

Que é agora a Espanha? — pergunta angustiado o poeta. Não é mais a terra dos grandes circulos culturais, do romantismo, das praças de touros, das guitarras, mas...

... «El avión de bombardéo
es el canto de Espana»...

Os dias acumulam horrores. Horrores como os de Durango e Guernica: cidades abertas, não militarizadas, cujos habitantes foram bombardeados impiedosametne.

Esses versos, sensiveis e intensamente agudos de Langston Hughes, vibram como vozes da justiça universal:

«Tengo que echar a los bombardeadores de Espana.
Tengo que echar a los bombardeadores del mudo
Tengo que hacer nuevamente mío el mudo».

# UM LIVRO CHILENO

RUI G. CAMARA

«ZOÉ» de Benjamin Subercaseaux, constituiu uma novidade no ambiente literario chileno. Por questões etnicas, talvez, por inercia ou falta de tenacidade inteletual, a elite chilena tem preferido inveredar no conto, na novela curta, na poesia descritiva ou em outro genero de produção que requêra menor disciplina e labor mental.

Raras vezes aqueles literatos procuraram analisar suas idéas ou construir no campo do pensamento puro, tratando de ordenar ou precizar suas proprias reações ante a solicitação do mundo exterior. «ZOÉ», ensaio critico sobre a vida, é uma exceção.

Livro original, que nos transmite a impressão da vida através de uma serie de quadros, comentarios e reflexões levianas e penetrantes.

Como ele mesmo o diz, o artista escreve, em grande parte, para saber o que pensa, e Subercaseaux nos dá em sua obra, a impressão de haver sondado o mundo paradoxal e multiforme, que o atormentava, para poder contemplar seu proprio eu.

E deste mecanismo resulta a primeira condição extranha do livro, condição comum á maioria dos homens jovens de hoje, que pensam—sua desorientação; sua mescla de candidez e superficialidade; de misticismo e anélo material; sua visão panoramica, que se esconde, sem embargo, para mirar o detalhe oculto; seu analize frio dos pensamentos, junto ao lirismo das sensações. «Um ensaio sobre a vida». A' primeira vista resulta algo demasiado pretencioso e, se persiste, superficial. Sem embargo, sendo ás vezes profundo, tem uma graça leviana e alegre que distila gravidade e, sendo superficial, não é nunca vulgar.

Voluteia através do livro uma sensibilidade fina que salta de um tema a outro, sem aprofundar demasiado, porém «situando» as coisas em seu devido terreno e abrindo á nossa inteligencia a porta de suas possibilidades.

Como o autor diz, não pretende buscar soluções novas aos problemas transcendentais, sinão que usar ás claras o simples diario do viver; porém ao desenrolar ante nossos olhos seu trabalho de seleção, resalta, com um jogo de aparente ingenuidade, a pobreza de nossas soluções, a relatividade de nossas verdades e o espesso manto com que os preconceitos nos ocultam a beleza dos instintos e a luminosidade das reações naturais.

Mas, á parte do interesse intrinseco da obra e do agrado que sua leitura proporciona, encerra esta uma maior transcendencia: Benjamin Subercaseaux tem a oportunidade, aplicando seu proprio metodo analitico, de valorizar os diversos aspectos de sua personalidade literaria e eleger o campo em que terá de perseverar.

Muitos serão, que, ante a poesia sombria e profunda do campo, do mar ou da montanha, o desejaria poeta e outros, ante a realidade descritiva de alguns personagens que passam por suas paginas, o querem novelista. Eu me atreveria a mostrar lhe o caminho menos transitado e indubitavelmente mais aspero: o ensaio. Nossa hora exige que os homens capazes pensem, não só para encontrar a verdade dentro do confuzionismo que nos rodeia ou para descobrir a solução definitiva de nossos problemas, sinão, simplesmente, para contribuir e orientar os homens, que nestes momentos parece terem perdido o rumo.

Benjamin Subercaseaux, fez despertar uma tecnica que é bem o resultado de seu contáto com grandes romancistas contemporaneos como Hans Fallada, Huxley, Glaeser, etc., demonstrando sua capacidade de escritor, sua sensibilidade, sua inteligencia para distinguir o definitivo do transitorio, seu sentido das proporções e a inquiéta vibração de seu espirito. Com estas armas produziu «ZOÉ», livro que, a despeito dos homens graves que creem que a gravidade é uma mescla de seriedade e tempo, fará pensar a muitos, orientará e solucionará a outros.

Subercaseaux venceu. As letras chilenas sentem a segurança e a robustez que se destaca de sua personalidade, como um valor novo, positivo.

# Jonathas Abbott

José Valadares

JONATHAS ABBOTT figura entre os inglezes que vieram para a Baia no inicio do seculo passado. Era natural de Lamberth, e ainda estava na puberdade quando, em 1812, embarcou para o Brasil. A bordo, no dia 6 de Agosto, foi que completou 16 anos de idade (1).

Ao que consta, veio como «groom» do medico baiano dr. Alvares Amaral (2). Sua familia, que residia em Londres, era extremamente pobre; não se sabe, porém, se foi somente a pobresa que o levou a se decidir por um emprego tão modesto e em terra tão distante.

A viajem, só por si, representava uma pequena aventura. Naquela epoca, antes da navegação a vapor, para se passar de um lado a outro do Atlantico, tinha-se que fazer face a uma travessia de nunca menos de 40 dias, perigosa e incomoda, sem contar os riscos de um naufragio, ou da hipocondria, o castigo de uma calmaria ou o flagelo do escorbuto (3). Por sua vez, o paiz a que se destinava o inglezinho de menoridade não gosava, na Europa, de uma reputação atraente. Lá se devia saber que o estrangeiro longe estava de ser visto por aqui com bons olhos. Tambem não se podia ignorar que ele era geralmente tido na conta de um explorador das riquezas e do povo da terra; que seu fito era enriquecer e, uma vez abastado ou mesmo rico, liquidar os negocios, e voltar á sua patria de origem, afim de desfrutar entre os seus a fortuna conseguida com habilidade no Brasil. Essa era uma opinião de tal modo disseminada que se fazia voz corrente. E não era somente o povo que assim pensava: As «classes mais instruidas» tinham a mesma opinião do povo, ainda em 1835 queixava-se ao presidente da provincia o consul da Russia (4)

Foi esse ambiente desfavoravel ao estrangeiro que *JONATHAS ABBOTT* veio encontrar em 1812. Dezoito anos depois, em 1830, ele volta á Inglaterra, para visitar sua familia, dessa vez professor da Faculdade de Medicina da Baia, por esse tempo em sua primeira infancia.

O exito de *ABBOTT* e sua rapidez são desconcertantes. De «groom» a catedratico de um estabelecimento de ensino superior ha uma grande distancia a percorrer, cheia dos obstaculos mais imprevistos. Para o jovem inglez essa distancia apresentava-se com etapas ainda mais duras de se vencer, em virtude de condições peculiares á epoca em que ele aqui chegou. Em primeiro logar estava sua nacionalidade. Durante um largo periodo do seculo XIX, o jacobinismo foi na Baia um estado de espirito muito generalizado. Aparecia ás vezes sob a forma aguda, assumia até as proporções do crime. Praticavam-se roubos e assassinatos na propriedade e pessôa dos estrangeiros que se sentiam sem segurança, e solicitavam providencias a seus consules. Em 1829, o que quer dizer depois da administração do Conde dos Arcos, que segundo relata Tollenare, muito se esforçou no sentido de fomentar uma politica de simpatia para com o estrangeiro (5), nesse ano o consul inglez C. Weiss reclamava contra os maus tratos, a falta de consideração, a «insolencia», para usar de sua expressão, com que nas ruas «os soldados desta Guarnição tratam os Estrangeiros em geral e os Suditos Inglezes em particular». (6)

Pela sua tenacidade, diligencia e alto espirito de negocio, os estrangeiros, inglezes com especialidade, estavam naturalmente indicados para controlar o comercio na Baia, apesar da oposição e dos embaraços que lhes opunha o funcionalismo, começando pela Alfandega. Era uma questão de superioridade para o oficio. O caso muda inteiramente de figura quando o objetivo visado não era a fortuna, o credito, as compensações que o dinheiro traz, e sim uma situação de relevo no seio da propria sociedade brasileira, o logar de «lente proprietario», como se chamava então, de uma cadeira na Faculdade de Medicina da Baia. E *ABBOTT*, além de entrar para o corpo docente da Escola de Cirurgia, tambem foi professor de inglez no Liceu, tendo escrito para uso de seus alunos uma gramatica, que foi procurada pelos estudantes de preparatorios até perto de 1900. E, em 1829, encontramo-lo como oficial interprete (emprego de confiança) do Visconde de Camamú, traduzindo os oficios malcreados que aos ilustres presidentes da provincia sabiam dirigir os consules inglezes—malcreados sem duvida mas bastante instrutivos, os representantes britanicos a defender os interesses comerciaes de seus conterraneos e ao mesmo tempo fazendo o papel de uns verdadeiros preceptores da administração da provincia.

O sucesso de *ABBOTT* poderá parecer um desmentido á hostilidade ao estrangeiro, que se surpreende em nossos antepassados. Contudo, essa hostilidade existiu. O que *ABBOTT* fez foi contorna-la.

E isso ele conseguiu pelo processo mais inteligente: nacionalizando-se. Sua nacionalização, porém, não foi obra de um calculista. Foi de certo modo involuntaria. Ele abrasileirou-se sem querer. Fato singular para um temperamento anglo-saxonico: *ABBOTT* tornou-se brasileiro sentimentalmente. E' o que se manifesta logo nas primeiras palavras do diario que escreveu em sua primeira viajem á Europa, em 20 de Julho de 1835: «*... que comecei a sentir o que pode fazer saudade. A Baia, onde havia vivido 18 anos e onde se desenvolvera a razão, e onde finalmente havia bebido a larga das taças do amor e da amisade, já me ficava longe: e eu não deixava de contemplar-me como abandonado de tudo aquilo que eu mais amava*» (7).

Na Europa, as saudades apertam, e o coração começa a falar com alguma inconveniencia. «*Da Inglaterra*», escreve o dr. Abbott, «*nada me importa, é só do termo Brasil que minhas ideas se ocupam, é ele só que meu cuidado merece*». (8).

Não se pode duvidar da sinceridade dessas confissões. Seu amor á Baia ficou demonstrado atravez de sua vida. E foi esse interesse pela sua patria adotiva que lhe permitiu quebrar a prevenção que havia com o estrangeiro. Com o inglez em particular.

O prof. Oscar Freire, em um de seus trabalhos sobre a historia da Faculdade de Medicina da Baia, disse que, á medida que mais penetrava em seu passado, mais se convencia de que *JONATHAS ABBOTT* foi uma de suas figuras mais interessantes (9). Sua passagem pela nossa tradicional escola deixou traços que, em sua maior parte, foram extintos pelo incendio de 1904.

O museu de anatomia patologica que ele formou com o auxilio de seus assistentes e alunos constituia um documentario de sua abnegação pelo logar que tinha a honra de ocupar e que tanto honrou. O tempo, porém, conspirou demasiado contra sua memoria, e o que ainda se conserva está longe de corresponder ao que ele efetivamente realisou.

O valor de *ABBOTT* foi reconhecido em vida do grande professor de anatomia descritiva. Lente proprietario. Conselheiro, cavalheiro de varias ordens e outros titulos honorificos foram-lhe concedidos numa avaliação aproximada de seu merito. Medico, cirurgião-mór do Hospital de Misericordia, professor, «consumado anatomista», sensibilidade de artista, ele foi sobretudo isso que se chama *self made man*. Esse é o lado que mais impressiona em sua vida. Como disse um de seus decendentes, a Baia «ergueu do nada o jovem inglez de Lamberth» (10).

O adolecente que aqui chegou humildemente pagou com juros a oportunidade que os baianos lhe deram de triunfar. Medico desvelado que lutou com mais de uma epidemia de febre amarela, professor que colaborou para a fama de que cêdo a Faculdade de Medicina da Baia foi alvo, *JONATHAS ABBOTT* representou principalmente um elemento civilisador em nosso meio. Foi um trabalhador incansavel, um exemplo edificante de homem feito por si mesmo.

---

(1)—Gen. Borges Fortes—«Em torno da personalidade do Conselheiro Jonathas Abbott—in. Rev. Inst. Geog. Hist. Bahia vol. 59—pag. 10.
(2)—Oscar Freire—Dois anatomistas da Baia esquecidos—in Gaz. Med. da Baia—vol. 49 pag. 322.
(3)—Wanderley Pinho—«Cotegipe e seu tempo»—1.ª fase, S. Paulo 1937, pag. 35.
(4)—Oficio de 3-4-1835—Coleção Correspondencia Consular do Arquivo Publico da Baia.
(5)—«Notas dominicaes relativas á Baia» in Rev. Inst. Geog. Hist. Ba. vol. 33.
(6)—Oficio de 27-11-1829. Col. Com Cons. Arq. Pub. da Baia.
(7)—Apud. Borges Fortes, ob. cit. pag 11.
(8)—Idem pag. 12.
(9)—ob. cit.
(10)—Borges Fortes, ob. cit. pag. 4.

# A VERDADEIRA FILOSOFIA DA VIDA

JOÃO NITÃO

Will Durant num livro recente diz que esse mesmo livro é «um esforço para a apresentação duma filosofia da vida». E colocando-se de «lado e do alto», faz uma breve estação na logica, em procura de uma resposta á pergunta de Pilatos: que é a verdade? analiza a epistemologia, para avaliar os limites da humana compreensão; salta para o centro metafisico, para concluir sobre a derrocada do materialismo; vai ao dominio da moral e indaga o que é a felicidade; entra pela estetica; passa pela filosofia politica; anda pela religião, revirando coisas que não têm mais sentido; volta-se para a historia; estuda o progresso e passa em revista o destino da nossa civilização; coteja o pessimismo com o otimismo; e, lançando um olhar sobre o conjunto, procura chegar a uma conclusão sobre o valor e a significação da vida. E' isto a FISOSOFIA DA VIDA de Will Durant. Mas, a verdade é que Will Durant só faz procurar chegar... Não chega nunca a uma conclusão verdadeira. Sobre a verdade não passa de divagações mais ou menos literarias, sem estabelecer um criterio justo. Sobre a felicidade apresenta essa solução: ...« e quando virmos a meninice cansada ou a mocidade triste, extendamos para elas os nossos braços, num convite para que venham sentar-se conosco, aos pés de Platão na cidade de Deus»... Não querendo naturalmente compreender que a primeira medida para a conquista da felicidade é a conquista do bem-estar material coletivo. Afirma a realidade metafisica, quando se sabe que a metafisica é destituida de sentido e por isso mesmo sem mais nenhuma razão de ser. Na filosofia da historia, colocando os criadores da historia cientifica sempre em plano secundario, conclue: ...«Não declaram se existe progresso na historia—ou se por meio da historia podemos prever o futuro». Enquanto que é de todo sabido que partindo da filosofia da historia de Hegel surgiu um metodo cientifico notavelmente coordenado que estudando a historia e a sociedade, que se acham sempre ligadas entre si, estabelece, á base das lições do passado, normas para resolver-se os problemas que existem no presente e traça logo diretrizes para o futuro. Na sua apreciação sobre a moral nada de novo nos apresenta; são mais ou menos os conceitos de W. James, em «Le Pragmatisme», lançados em outra linguagem. Na filosofia politica descobrimos uma nova personalidade em Will Durant: a do vidente que prediz a falencia de coisas que ainda não se chegou nem a divisar. E assim por diante...

Não se desconhece absolutamente o valor de Will Durant. Isto é incontestavel. Mas, somente como filosofo pragmatista—essa nova forma de idealismo. O seu estilo é claro. Não tendo, assim, aquela linguagem impenetravel dos antigos.

Mas, em realidade, esse «esforço para a apresentação duma filosofia da vida», dentro da concepção pragmatista, está muito longe, bem longe, da verdadeira filosofia da vida. Essa se encontra unicamente dentro dessa filosofia que os idealistas, em nome da logica—que tem um valor relativo e restrito e não resiste a uma analize profunda—e em nome da verdade pura—como se a verdade não fosse um processo em ininterrupta elaboração—chamam de «filosofia de 2.ª classe». Isto—dizem—por não estar elaborada em «um corpo perfeito de doutrina didatica» e não ter tambem a «beleza cristalina», nem as «linhas simetricas de um edificio de pensamento como os construidos por Descartes e Spinoza». Desconhecendo naturalmente que Descartes e Spinoza foram em verdade dois precursores do materialismo; sendo o primeiro pela concepção mecanica do mundo e o segundo pela concepção unitaria. E não é somente isto. Essa filosofia que eles chamam de «2.ª classe», Hegel achava, com razão:.. «é tambem o resultado de todas as precedentes, contendo os principios de todas: ela é, por isso mesmo, a mais desenvolvida, rica e concreta».

Com esse desenvolvimento concreto essa filosofia poude penetrar, pelo pensamento de um genio baseado nas realidades, principalmente objetivas, com a absoluta facilidade, profundamente na sociedade humana, que constitue a propria essencia da vida. E poude-se ver em verdade que a vida é essencialmente pratica; e portanto todos os problemas têm a sua solução racional na atividade pratica do homem e na compreensão dessa mesma atividade. Só por essa compreensão, e somente por ela, pode-se chegar ao desejado: a unidade da filosofia para as interpretações do TODO universal—devido a natural interrelação e interdependencia de todas as coisas e de todos os fenomenos da natureza—e tambem as regras superiores e comuns da ética, das ciencias, da moral, da verdade, da estetica, da felicidade e da economia de todos os povos. Para tal, torna-se necessario estabelecer uma relação obedecendo ao seguinte criterio:

a — compreensão da natureza com a observação de todos os fenomenos naturais para uma adaptação subjetiva á realidade;

b — analize objetiva da historia humana e das transformações que se passam nos diferentes periodos historicos, transformações estas quer no sistema de produção, quer nas formas sociais e quer nas ideias derivadas dessas mesmas formas sociais;

c — e sendo o homem uma parte de tudo isto, coordenar o pensamento em si com as leis da realidade e com as leis das transformações processadas na natureza e na historia no sentido de sua integração na vida.

Com essa relação dada, chegamos, naturalmente, ás 2 grandes categorias da ciencia:

1ª.—as ciencias da naturesa; que têm a finalidade de procurar determinar as leis dos corpos inanimados;

2.ª—as ciencias do espirito; que não são senão a ciencia da sociedade que trata das relações entre os homens com a compreensão exata de que eles não são mais de que uma parte da natureza.

Por sua vez, concluimos que ha entre ambas categorias uma profunda unidade. Isto pode parecer estranho. No entanto é um fato inegavel que todas as coisas, todos os fenomenos e todas as ideias acham-se absolutamente condicionadas numa verdadeira unidade, até mesmo existindo contradições e diferenciações profundas.

Explicamos:

As ciencias da natureza constatando a descoberta de que as mesmas coisas produzem sempre e sempre os mesmos efeitos, chegaram a convicção absoluta de que toda a natureza é presidida por uma lei geral; deixando assim de admitir forças ocultas e misteriosas.

Ao mesmo tempo o Homem no seu continuo desenvolvimento, procura afastar-se das chamadas «forças superiores» e identificar as suas relações com a natureza, afim de melhorar cada vez mais a sua existencia.

Então as ciencias para a sua melhor eficiencia e o seu melhor desenvolvimento vêm procurando se unir na sua verdadeira e unica fonte: a filosofia. Pelo seu turno, a filosofia deixa de situar-se acima das ciencias, reconhecendo afinal que não pode constituir um conhecimento á parte.

Assim é que a mais representativa corrente da filosofia contemporanea na sua compreensão verdadeira da realidade, estabelece:

—a filosofia é antes de tudo sintetica;
—e a ciencia absolutamente analitica.

Ao fundamento que sistematizou essa unidade admiravel, é o que se chama de DIALETICA. Verdadeiro metodo que estuda e soluciona todas as coisas, todos os fenomenos e todas as ideias em relações reciprocas no espaço e no tempo. O que quer dizer tambem: o unico metodo que tem a completa e absoluta compreensão entre o pensamento e a vida, a cultura e a natureza, o homem e a terra. Não num sentido estatico. Mas marchando sempre, com lições do passado e olhando sempre para o futuro, estendendo-se em varias direções, irradiando-se e ramificando-se em correntes, ou melhor, em orlas de energia em constante movimento e transformação. E desse modo é dotada de um notavel poder que se firma na vontade de não permitir que penetre na nossa psiqué genero algum de prejuizos, erros e mentiras e no desejo sempre crescente de progresso material, moral e espiritual para a humanidade.

E' essa a filosofia da vida. A verdadeira filosofia da vida. Que, como foi visto ligeiramente, difere de um modo absoluto da outra filosofia: a que se encontra hoje estancada num terrivel verbalismo e conceptismo, complicando e baralhando concepções, termos e palavras.

Afirmamos verdadeira, porque dela a coletividade pode se utilizar para construir, por um verdadeiro conhecimento e uma absoluta compreensão, o seu proprio sistema. E assim ela é a vida mesma em seu sentido eterno e cosmico: semente, germinação, amadurecimento, insurgimento e renovação.

# UM NEGRO ESTUPIDO

RUI FACÓ

O mal foi eu ter demorado aqueles sete minutos, quando costumava deixá-la ás dez horas em ponto. Mas o diabo foi que ela insistiu:

—Deixe para ir no outro bcude, não perde nada. . .

Tambem não adiantou coisa nenhuma, Na insistencia para que eu fôsse no outro bond, ela gastou dois minutos. Os outros cinco foram a continuação da conversa que tinhamos começado ás oito, coisas banais, projetos de futuro, complemento de casorio, etc.

O bonde das dez e sete passou e, como de costume, nem deixei que ele parasse de todo, agarrei-me á balaustrada e acenei um adeusinho. Não sei por que, entrei no bonde um tanto atordoado e, continuando a olhar para a porta por onde ela se sumia—habito de todas as noites—fui me esbarrar contra um negro que se encontrava no meio do banco, todo derreado, os braços estendidos como num crucifixo. Pisei os pés do negro, sem querer, naturalmente. E apesar do tropeço ter me dado um choque ainda maior do que ele deve ter sofrido, pedi desculpa, sem querer tambem, pois logo me arrependi. Encarei-o com raiva. Ele me olhou firme e disse arrogante e brutal:

—Parece que vem cego! Pisando a gente. . .

A raiva estava fervendo por dentro e eu soltei estas palavras:

—Deixe de ser estupido, seu negro!

Ele endireitou-se, encolhen as pernas que andavam lá por baixo do banco da frente, deceu os braços da posição de crucificado e disse:

—Negro não. . .

Parecia não ter ouvido o «estupido». E eu limitei-me a olhá-lo com desprezo e fitar serenamente as luzes da rua que vinham marchando para o bonde.

Ainda quis mudar de banco, pois o veiculo ia completamente vazio. Mas tive preguiça. Tambem o condutor devia estar nos olhando e poderia julgar que eu tivesse saido com medo. O motorneiro, esse nem siquer ouviu uma palavra da nossa ligeira altercação. Continuava a arrastar o bonde barulhento no silencio daquelas dez e meia.

Eu, para distrair, de vez enquando olhava um lado e outro da rua. E vi que o negro voltara a tomar a mesma posição em que eu o encontrara: as pernas estiradas sob o banco da frente, bem abertas, mostrando uns sapatões nos pés enormes, os braços estendidos, o direito quasi me tocando o ombro, apesar de eu ter ficado bem no canto. Olhei-o de esguelha, a cara gorda, o peito saliente, parecendo possuir uns musculos de touro. Os beiços grossos caiam, dando-lhe um ar de despreso e audacia. Os olhos capiongos não se moviam, fixos constantemente na frente.

Mas antes de terminar de estudar todo o negro, vi que o bonde chegava ao ponto onde eu devia decer. Dei sinal e deci. Passei a praça iluminada e deserta e entrei por uma travessa que ia dar á ruazinha estreita e longa que me levava á pensão, trajeto mais ou menos escuro, por onde, depois das dez, quasi nunca passava ninguem. Um ou outro guarda eu encontrava casualmente num ou noutro dia. Nem as mulheres noturnas transitavam.

Mas o silencio, que era grande por onde eu ia passando, e essa falta de habito de não avistar ninguem por ali á noite, permitiram-me distinguir longe umas pisadas em cadencia mais rapida do que a minha, que repercutiam com estrondo nas paredes das casas. A principio julguei ser apenas o eco dos meus proprios passos. Devia haver qualquer complicação de acustica que fazia com que o eco parecesse mais rapido do que o som. Porem, imediatamente convenci-me de que não havia nenhum eco, havia era um sujeito caminhando na calçada do lado oposto.

Olhei naturalmente para o vulto, que agora marcava o passo pelo meu, e percebi que era um negro. Alto, forte, era talvez o negro do bonde. E ele que há pouco andava com tanta pressa que chegou a vir acompanhar-me de perto, ia agora seguindo as minhas passadas, andando relativamente devagar, mas pisando com força. Os seus sapatões pareciam querer arrebentar a terra. Fôra de certo o «negro estupido» que o fizera vir tomar uma desforra. Não quizera tentar no bonde, porque seria um caso á vista de dois estranhos, o bonde pararia, um guarda interviria e talvez acabasse me dando razão. Um negro nunca tem razão... Ali naquela viela escura e silenciosa, onde não se via ninguem e não se ouvia nem um apito siquer, era que êle vinha saber si eu tinha coragem de sustentar o «negro estupido» e o olhar de desprezo. . .

Nem bem eu terminava esses pensamentos receiosos, vi que o negro atravessava a rua e vinha para a minha calçada. Pôs-se atrás de mim, fazendo cada vez mais esforço para pisar forte. Acompanhou-me assim uns dois minutos. Eu experimentei mudar de calçada, passei para a que ele deixara. Mal porém eu a atingia, o negro começava de novo a atravessar a rua e vinha pôr-se nos meus calcanhares...

Vinte passos depois dessa nova audacia do negro, começou a vir-me uma irritação crecente, subiu o sangue a cabeça e veiu um desejo forte de voltar-me e indagar o que ele queria de mim, liquidar aquilo de uma vez. Mas, ponderei que era mais prudente não provocar. Esperar serenamente qualquer coisa. Infelizmente eu deixara o revolver na pensão. E já ia me indignando com não encontrar um guarda naquelas ruas tão longas e estreitas, onde com facilidade poderia occorrer um crime que talvez nunca podesse ser punido. Decidi-me a no dia seguinte bem cedo telefonar para todos os jornais, reclamando contra a falta de policiamento naquela zona.

E o negro quasi me pisava os pés. Felizmente avistei a porta da pensão, um pouco adiante. Senti um alivio. Si houvesse qualquer coisa ali, ouviriam o rumor e decerto apareceria alguem. Si eu fôsse assassinado, deveria antes soltar um grande grito, e talvez désse tempo a pegarem ainda o diabo do negro..

A porta da pensão estava como de costume encostada. Ainda tinha a demora de empurrá-la. Estivesse aberta, a luz da entrada acesa, eu embiocaria logo, e estava livre e estava salvo.

Os meus passos foram moderando. Foi então que eu percebi que vinha quasi correndo. Parei. O negro estacou no mesmo instante, como se fosse a minha sombra, e tocou-me o braço. Tinha decido a calçada, e ficara quasi á minha frente. Achei um pouco diferente do negro do bonde. Mas a rua estava muito escura. Talvez fôsse defeito da iluminação. Só podia ser «aquele» negro, o estupido... Sem querer, estremeci ao contacto da sua mão no meu braço, um contacto leve, de quem apenas chama a atenção. Até que afinal ele falou, graças a Deus ele falou:

—Mora aqui?...

E eu não percebi as palavras, não me ocorreu o que elas queriam dizer naquele momento. Só ouvi a voz, uma vozinha fina e cariciosa, quasi cantada.

Depois foi que o sentido das palavrinhas me chegou. Todo o receio —não só receio, o grande medo que me trazia numa tensão nervosa terrivel — fugiu, evaporou-se. E veiu-me um riso involuntario que eu não pude conter. Mas ele falava outra vez, espantdo, torcendo as mãos, olhando as pedras:

-Deixe eu entrar tambem...

O riso desapareceu e foi substituido por um movimento rapido, uma serie de movimentos repentinos: um ponta-pé na trazeira do negro, um empurrão brutal na porta.

Manufatura de Charutos Carvalho Martins

Praça Fróes da Motta 2/4
FEIRA DE SANT'ANNA

CARVALHO, MARTINS & CIA. LTDA.

Telegr. — FAVORITO
BAHIA — BRASIL

# "¡NO PASARÁN!"

Que a arte deve ser um retrato fiel da vida, colocado ao alcance das massas para que essas aprendam a torna-la melhor e mais perfeita, é cousa de que, hoje, nenhum escritor honesto discorda. Si, em tése, todos estão de acôrdo, na pratica não é isso o que acontece. Vemos cada dia empilhar-se nas livrarias toda uma literatura que se poderia dizer irreconhecivel para nós, os viventes dessa hora. Uma literatura que tanto poderia ser a de agora como a de um tempo em que o fumo da guerra não enegrecesse os campos chinezes e espanhois, em que a luta das idéas não houvesse ainda dividido o mundo em dois outros hemisferios. Surda ao ranger das metralhas, insensivel ás grandes convulsões do presente. Teimam os romancistas em voltar-se para a analise de pequenos dramas intimos. Dir-se-ia que a obcessão por essas gotas minusculas não os deixa enxergar o oceano de pranto do seculo.

Numa epoca assim, em que vai ganhando terreno a duvida sobre a possibilidade da creação de grandes obras de arte, capazes, ao mesmo tempo, de ser entendidas e sentidas pelo grande publico, apontar o exemplo de «¡No Pasarán!» parece, mais do que um dever, uma necessidade. Com essa breve novéla, de pouco mais de uma centena de paginas de palpitante leitura, bastantes, entretanto, para conter a discussão clara e exata dos mais urgentes e empolgantes problemas de nossa era, Upton Sinclair veiu provar que é possivel escrever grandes obras de ficção para as massas, quando se tem um talento e uma cultura suficientes para isso. Em «!No Pasarán!», sim, a gente pode dizer que não lê uma linha sem estar aprendendo. Êle ensina bem melhor do que os breviarios sobre a questão social que andam por aí, sem que, por isso, deixe, um minuto só de ser atraente, sem descambar para um cacête cientificismo. E é particularmente importante notar isso quando as novas gerações intelectuais, influenciadas pelo ceticismo reinante, não acham logar para a ciencia na literatura de ficção e nela consideram sempre desinteressantes as soluções. Tambem os personagens de Sinclair não são individuos que contemplem a vida e dela consigam fugir. Êle sabe perfeitamente que, no mundo moderno, por menos que deseje, todo homem se vê arrastado pelas circunstancias a tomar uma posição. Rudy Messer, o herói da novéla, americano orfão e portador do menor numero de ações da fabrica de seus parentes alemãis vê-se, por acaso, envolvido no meio de agitadores operarios em cujo convivio julga haver aprendido o remedio para os males do mundo. Com êles organiza uma expedição afim de ir defender, junto a «um dos mais estranhos exercitos até hoje reunidos na longa historia das matanças humanas; um exercito de idealistas e sonhadores no futuro, vindos de todas as naçõis do mundo até onde havia chegado a mensagem da ciencia moderna», o governo legal da Espanha, ou o que lhe parecia a justiça, a ciencia, o futuro do genero humano. Ernie, o seu primo alemão, segue no mesmo navio para combater do lado oposto pelo Fuherer, pela raça ariana, pelo negocio de Messer & Irmãos, pelo que êle pensava ser a civilisação cristã. E o entusiasmo de Rudy reacendia-se cada vez que ouvia no estranho exercito de idealistas, onde havia judeus alemãis que foram torturados nos campos de concentração, italianos que tinham conseguido escapar das prisões da ilha de Lipari e escritores que iam viver seus proprios livros, o grito de uma nova fé:

«¡ No pasarán ! »

**L. P.**

SABONETE

GODIVA

OPTIMO PELA QUALIDADE.

OPTIMO PELO PREÇO.

Utensilios para cosinha de **aço inoxidavel** a ultima palavra em serviços para a arte culinaria.

O metal mais resistente conhecido até hoje. Não quebra, não machuca, não gasta e não enferruja.

É um serviço eterno.

Fabricação da METALLURGICA FRACALANZA S/A. São Paulo.

**Ferros de engomar "MIMOSO": os melhores e mais resistentes.**

**Picadores para Carne "MIMOSO".**

**Fabricação de AYRES FIGUEIRÔA & C. de São Paulo.**

REPRESENTANTES:

**Santos Barbosa & Cia.**

**Praça Deodoro n. 4**

# CADÊ O POETA NEGRO DO BRASIL?

Sim. Cadê o poeta negro do Brasil? Onde o nosso vate melanico, que em versos vibrantes e revoltados, tristes e saudosos, cante a tragedia da raça e a nostalgia do destêrro?

No Brasil, um dos grandes nucleos de negros no mundo, não existe ainda a tendencia para o negro dedicar-se á sua poesia. Tendencia accentuadamente significativa nos Estados Unidos e desenvolvida, tambem, em varios paizes sul-americanos. Cuba emitte pelas vozes de José Rodriguez Méndez, Nicolas Guillén e Emilio Ballagas, echoantes gritos de rebeldia da raça. Palés Matos fala pelo negro em nome de Pôrto-Rico. Jacques Romain de Haiti, o encarcerado Romain, preso porque neste seculo levanta a sua voz em favor da liberdade dos negros, sofre, cantando o historico e actual soffrimento da gente de sua côr.

Para que melhor se veja o verdadeiro sentido e motivo dessa poesía, mostremos alguns versos de José Rodriguez, nos quaes se evidencia a situação desesperadora dos pretos cubanos:

El látigo del mayoral nos castigaba los ijares del miedo
para que marcháramos dociles como potros embidrados.
Junto a los bueyes
moríamos tambiém como bestias,
castigados por el aguijón esclavista.
Y para consolarnos de nuestras llagas ulceradas
nos hablaban
del cielo.
Pero siempre sus crucifijos,
para acercar-se a nosotros
venían escoltados por el látigo del mayoral.
Como añorábamos em silencio los cocos de nuestra tierra salvajè,
con el racimo ridiculo del rosario em las manos!

E depois chora porque já não canta mais com a chegada da fartura:

Antes cantábamos porque llegaba la zafra.
Pero hoy ya sabemos que la zafra no es nuestra,
porque tambiém en la zafra tenemos hambre.

Vê, em seguida, a tragedia vivida pela raça e espera o dia da redempção:

Hace siglos
que mi raza está mescando el andullo de sua míseria;
pero un dia
todo lo que hoy nos asombra,
todo esto que nos unta el espanto en los ojos
—guijes hue ha creado la explotación capitalista
para tenernos echados en el regazo del miedo—,
caerá bajo nosotros
lo tomaremos com nuestras manos
y lo estirparemos de la vida
como a una mala yerba del cañaveral.

Os Estados-Unidos são, entretanto, de todos os paizes ámericanos, aquelles onde está mais bem orientada e cultivada a poesia negra. Onde ella é uma poesia de acção contra um principio anti-social e humano: o preconceito de raça. E' lá, sobretudo, que o negro, pela instrucção que tem e pela repulsa que ha entre as duas raças, branca e negra, ou melhor, pela repulsão da raça branca pela negra, é lá, como dizia, que Langston Hughes, «a voz maior da poesia negra actual, pode dizer, em versos vibrantes, ferozes, como um punho cerrado que estourasse á cara de um branco»:

Eu tambem canto a America.
Eu sou o mais moreno dos irmãos.
Elles mandam-me comer na cozinha
Quando chegam visitas.
Mas eu rio
Como bem.
E fico forte...
Amanhã
Eu me sentarei á mesa
Quando vierem visitas,
E ninguem ousará
Dizer-me, então:
—Vae comer na cozinha!
Ao contrario: elles verão como estou bonito
E ficarão envergonhados.
Eu tambem canto a America.

## JOÃO DA COSTA FALCÃO

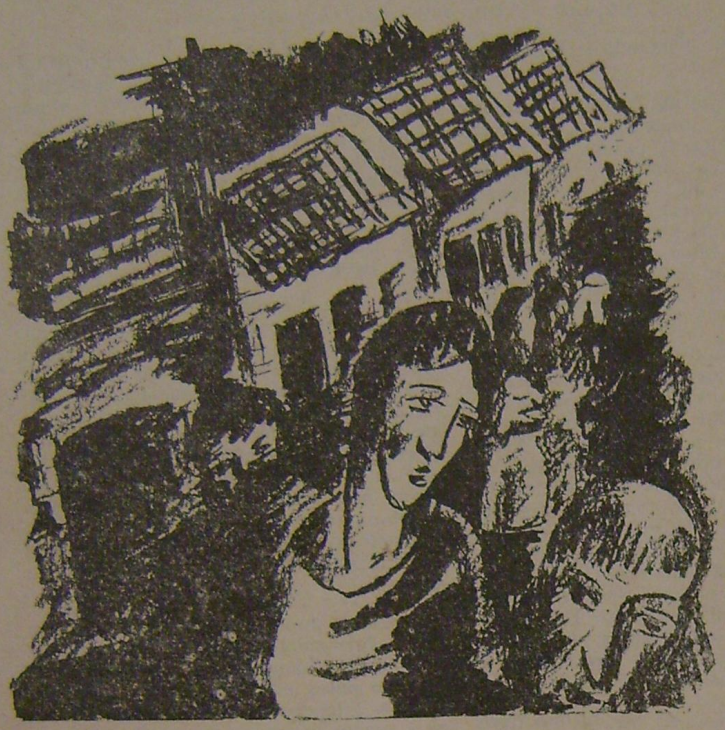
Versos em que elle mostra a condição social do negro de hoje e a esperança que elle tem, o anceio, mesmo, de vêr chegar o banquete das raças, o dia da sua raça, o dia da unificação de todas as raças.

No Brasil não ha, é bem verdade. a estupida submissão do negro, como lá no paiz dos yankees, comtudo, quando a sua poesia aqui, não fôsse um brado de revolta, devia ser, pelo menos, o canto de uma tragedia de saudade e tristeza no exilio, um reclamo contra a sua infima condição, um relato sincero e claro do seu valor na formação da nacionalidade brasileira—como fez Marshall Davis com o negro norte-americano no seu poema «Que queres, America?» para mostral-o a muitos que imbecilmente o negam.

O negro aqui no Brasil, infelizmente, ou é um ignorante e nada pode dizer porque não o sabe; ou é instruido e fica absorvido pela civilização branca, esquecendo-se dos seus irmãos de raça, porque quasi sempre só se educa o homem de côr que tem dinheiro; ou é instruido e pobre e, nesse caso, nada deve dizer, porque não o pode. Varios poetas de côr, grandes e inspiradas musas, a nossa literatura já os teve. Mas, qual delles—de Cruz e Souza, o maior, aos demaes—luctou a serviço de sua gente e cantou num canto humano e vivo, a sua raça, a sua historia, a sua inseparavel tristeza, como Claud Mckay no Harlem? Qual dos nossos grandes poetas hybridos teve a coragem de—em vez de aspirar a condição do branco e infiltrar-se a contra gosto no meio delle—dedicar-se á causa da raça que constitue uma das parcellas predominantes no seu sangue, e que lhe transmitte o maior numero de caracteres? Nenhum. E' triste, porém se deve dizel-o: o unico poeta negro que possuimos foi branco: Castro Alves. Entendendo-se ahi, por poeta negro aquelle que no negro encontrou, muitas vezes, o estro de sua poesia. Castro Alves que tendo tudo de humano e social em sua poesia, não podia deixar de derramar em versos tão profundamente emo-

(Continúa na pag. 24)

# A RUA DAS VITIMAS



Ana Maria morreu
dentro desta mulher.
O que foi que você fez de Ana Maria?

Rua escura e nojenta.
Ponha o lenço no nariz
e entremos nesta rua.
Estes vultos que se movem como sombras
é gente
e era uma gente forte.
E' porque a fôrça desse povo
ficou nos alicerces da cidade
equilibrando as construções.

Honestos homens magros, cabeludos
poetas, arquitetos, pintores,
e outros artistas mais
que morreram como animais
nesta rua esquecida,
vamos vê-los de perto,
mas, não lhes vá temer
as caras hediondas:
é o tormento das fisionomias,
raiva guardada ha muitos anos
apontando nos róstos
como um grito espontaneo de revolta.

Vamos vê-los de perto,
não fazem mal nenhum
é um povo morto.

Eu mesmo vou levá-lo pela mão
prá mostrar a rua desse povo.
Primeiro, aqui,
o trecho das perdidas.
Esta é Rosa
que você beijou,
marcada de feridas,
beleza morta
que as suas mãos mataram.

Dê uma esmola a esta,
é Silvia.
E esta outra, conhece?
Não. Eu sabia.

JOSE' SAMPAIO

# A INSURREIÇÃO DE 1711 NA BAÍA

No governo de Pedro de Vasconcelos e Souza rebentou na Bahia, em 19 de outubro de 1711, uma insurreição popular contra o imposto da dizima e o monopolio do sal. O movimento foi encabeçado pelo Juiz do Povo e teve como elemento mais destacado João de Figueiredo Costa, cognominado o «Maneta».

O governador tinha chegado cinco dias atraz, e trouxera a incumbencia de cobrar o novo imposto de 10 °/o sobre o valor de todas as mercadorias importadas na alfandega, afim de custear o cruzeiro da defeza da costa do Brasil. Em virtude disso, a sociedade baiana, que vinha oprimida com os tributos pesados, a carestia dos generos alimenticios, os monopolios do sal, da farinha, do azeite de peixe, da aguardente, etc. alem dos privilegios e isenções conferidos aos fidalgos da terra por El-Rei, não quiz suportar por mais tempo aquelas extorsões. Veiu á Praça publica com seu magistrado, protestar e pedir Justiça.

O tumulto tomou o aspéto de insurreição e caraterisou-se logo como um movimento popular contra os altos administradores da Colonia e contra os fidalgos privilegiados, que viviam da exploração do povo. As suas causas não eram superficiaes nem momentaneas. Vinham de muito longe. Dêsde a passagem de Portugal para o dominio Espanhol, que o numero de privilegios e monopolios aumentou em beneficio da aristocracia, resultando em maior suplicio e opressão para as outras classes da sociedade.

Em 1596 os fidalgos da Baía foram agraciados com os mesmos privilegios dos aristocratas da Cidade do Porto. (') Não eram punidos por nenhum crime que cometessem; não pagavam impostos; não prestavam serviços militares; podiam usar e possuir munições como podiam impedir que os seus criados, mordomos ou caseiros fossem á guerra. Eram senhores absolutos, possuidores da terra, monopolizadores do comercio.

Antes da ascenção de D. João IV, o povo da Baía vivia em tão grave situação, que redigiu um relação em 14 itens, alegando as condições em que vivia na Cidade do Salvador da Baía. (") Pagavam 4 vintens por canada de azeite de peixe; pagavam tributos para sustentar a guarnição da cidade; pagavam o imposto da vintena e não tinham Casa de Relação; os Presidios não estavam terminados e não se procurava termina-los; os soldados eram insuficientes para a defeza da cidade, e porque não havia qnarteis aboletavam-se em suas casas, despejando os moradores muitas vezes. Alem desses vexames, o povo ainda reclamava o sacrificio que passava com o monopolio da farinha e do sal em mãos dos fidalgos comerciantes.

Um sirio de farinha—naquela éra de 1640—era comprado em Boipéba e Cairú por 320 reis e vendido ao povo e aos soldados por 600 reis. O sal, indispensavel á alimentação humana, era substituido pelo sal impuro da terra que produzia molestias, causando até, algumas epidemias.

Com a coroação de D. João IV alguns privilegios foram abolidos. O imposto tornou-se obrigatorio, porém, os monopolios e a situação do povo não melhoraram em coisa alguma. Veiu agravando-se de ano para ano, até que, em 1711, éla não pode mais ser sufocada. Explodiu na Praça Publica aos *brados de justiça* e ao badalar da *«ginga do povo»*, o sino do Senado da Camara, com a decretação de mais um imposto.

Na Baía, ao lado de uma aristocracia opulenta e luxuosa, rica de haveres e de escravos, florescia uma população numerosa de artifices, pequenos comerciantes, mascates e aventureiros. Essas classes sofriam opressões terriveis. Viviam como rebutalhos da sociedade. Gente sem qualidade, como dizem geralmente os velhos historiadores. Porém, essas classes cresciam aos poucos, revoltados cada vez mais com a aristocracia, com os monopolizadores dos generos de primeira necessidade. Era a sociedade nacional que crescia para influir na Independencia e mais tarde fazer a Republica do Brasil.

Borges de Barros no seu ultimo livro «A' Margem da Historia da Bahia» classificou esse movimento como uma simples *agitação das baixas paixões do vulgo*. Entretanto, não compreendo como se possa dizer semelhante absurdo, uma vez que a insurreição de 1711, foi um movimento popular que teve por finalidade libertar o povo de pesados impostos e exigir a baixa do sal, que ha mais de um seculo não se comia. E Braz do Amaral, velho historiador da Baia, não néga essa verdade e não injuria um dos primeiros movimentos reivindicadores da sociedade brasileira.

Ora, o povo reunido na Praça do Palacio exigiu do Governador a suspensão do imposto da dizima e a baixa do sal de 720 para 480 reis. Era a população baiana em pêso que estava em frente do Palacio. O Governador amedrontou-se; não teve coragem de reagir, diante do receio e da prudencia que os seus aulicos apresentavam e aconselhavam. O povo, revoltado e inquieto, invadiu a casa de Manuel Dias Filgueiras, monopolizador do sal, arrebentando todos os moveis e objetos encontrados. Não o assassinou porque ele se achava em Lisbôa. Da rua d'Ajuda, onde ficava a casa de Filgueiras, a multidão partiu para a casa do seu socio Manuel da Costa Lisbôa, no Largo de São Francisco, onde praticaram os mesmos desatinos. Aí está o sentido caraterístico da reivindicação da baixa do preço do sal, porque esses dois comerciantes eram os distribuidores unicos desse produto na Baia.

O Arcebispo, acompanhado de Conegos e Irmãos da Irmandade do Santissimo Sacramento da Sé, «munido de uma ambula, que encerrava as Particulas Sagradas», como escreve Acioli, (") conseguiu acalmar o povo e faze-lo voltar ás suas casas. Porém as suas reivindicações ainda não estavam satisfeitas. O povo não se conformou com a situação e novamente agitou o sino da Camara e postou-se em frente ao Palacio, exigindo em altas vozes, entrecortadas de ataques ao governo e aos fidalgos, a baixa do sal e a suspensão do imposto. O Governador accedeu aos pedidos dos insurretos. A população da Baia ficou satisfeita.

Em 2 de dezembro do mesmo ano o povo voltou novamente á rua para exigir auxilio aos luso-brasileiros que lutavam no Rio de Janeiro contra os francêses. O Governador que se achava em casa de D. Lourenço de Almeida, no Bairro de São Bento foi surpreendido com a população amotinada. Desculpou-se, fez ver as dificuldades do Estado, porém, o povo não se conformou e os motins continuaram até quando se soube da evacuação da cidade do Rio de Janeiro e da retirada de Duguay Trouin para a Europa.

Entrou o ano de 1712 e o Povo com o seu Juiz mantinha uma forte influencia junto ao governo, vivia menos explorado pelos monopolizadores. Mas, em Lisbôa, Filgueira preparava junto á Côrte a reação e os fidalgos da Baia no Senado da Camara promoviam em sigilo um golpe decisivo contra o povo. Isto é, pediam ao Rei a supressão da Magistratura Popular e a punição dos insurretos.

Não demorou muito a vitoria da aristocracia. Em 25 de fevereiro de 1713 o Rei suprimiu a magistratura popular por «não ser conveniente que haja Juiz do Povo por ter mostrado a experiencia ser causa dos motins que tem havido».(""") Supresso o cargo de Juiz do Povo o Governador mandou prender os responsaveis pelos movimentos anteriores, passou a cobrar o imposto da dizima e favorecer a formação de novos e mais vexatorios monopolios de generos alimenticios.

Terminou assim, um dos primeiros movimentos revolucionarios da população baiana, nos principios do seculo XVIII.

---

(')—Braz do Amaral—anotações ás Memorias Historicas e Politicas da Baia, de Acioli, vol. 2o, pags. 84-88.

(")—Idem, idem pag. 114-116.

(")—Inacio Acioli—Memorias Historicas e Politicas da Baia, vol. 2o, pag. 153.

(""")—Arq. publ. da Baia, Livro n. 9, Ord. Reg. ano de 1702-1714.

ARISTEU NOGUEIRA

# "OÉSTE PARANAENSE"

ODILON NEGRÃO

O oéste do Paraná não é somente um dos mais bellos e empolgantes recantos do mundo, quanto aos aspectos de sua natureza, mas tambem dos mais ferteis pedaços do Brasil, quanto á eloquencia de sua historia

Naquelle oéste prodigioso, cheio de grandes rios e cataratas, plantou-se a semente de uma Republica Teocratica; foi lá que o sonho fabuloso de Ignacio de Loyola tentou se materializar; e lá tambem que se travaram as mais cruentas lutas pela conquista da terra e do homem, pelo dominio da cruz ou da espada, pela victoria da sotaina jesuitica ou do gibão de couro bandeirante.

Muito se tem escripto sobre aquella zona, mas esse muito tem sido pouco para que se póssa, em verdade, ter uma opinião exacta e desapaixonada, não só dos dramas sociaes e religiosos que lá se desenrolaram, como das conclusões scientificas e artisticas a que chegaram os observadores de sua natureza.

O oéste paranaense continúa, ainda, sendo um problema insoluvel, uma pagina em branco a desafiar historiadores. E os dados que conhecemos são tão contraditórios ou suspeitos que, honestamente, não nos será permittido esclarecer, com minucias, a genesis e o desdobramento de sua vida para nós de interesse, desde o seculo XVII—em que pesem as opiniões, sem duvida preciosas, de Montoya, Martin de Moussy, Olmedilla, João Pedro Gay, Charlevoy, Pastells, Pablo Hernandez, Blas Garay e poucos outros.

Os escriotores modernos que se preoccuparam, intencional ou incidentemente, com a natureza e a historia do oéste, quasi nada adiantaram de novo sobre o assumpto, não nos dando uma pagina siquer, digna do explendor de suas maravilhas fluviais, nem da interpretação analitica dos factos que sacudiram as margens de suas caudaes.

O sr. Lima Figueiredo, seguindo a esteira dos que o antecederam na aventura, deu-nos agora «Oéste Paranaense». Nesse livro, que tem a feição caracteristica dos diarios de viagem, o auctor focaliza o «arizona» guarapuavano e as terras que se extendem da serra da Esperança aos confins da velha patria do cacique Arapizandú. Apesar dos cuidados do auctor na selecção do material, a sua obra apresenta falhas e deslizes, relativamente á citação de datas, nomes e factos, e o que é mais, ás conclusões dialeticas de quasi todos esses accidentes historicos. Sobre tal aspecto, no entanto, pouca culpa cabe ao sr. Lima Figueiredo, pois que, a antiga documentação existente sobre o antigo paiz de Guayraca, como já disse, é a mais contraditória e suspeita possivel. Pode-se dizer que não ha dois autores accordes na exposição clara de um mesmo facto. Alem disso é preciso convir, que os relatos mais extensos que interessam á historia do oéste, provêm de manancial jesuitico e estão, por isso, influenciados pelos preconceitos da época, pelas tendencias dogmaticas daquella Congregação e pela natural parcialidade dos ignacianos.

Que teria levado, por exemplo, Hernando Arias Saavedra, a pedir a Felippe III que confiasse a «pacificação» dos indios do Guayrá aos missionarios da Companhia de Jesús? O seu unico e exclusivo amor á christandade, ou algum interesse occulto de caracter subalterno?

A bula do Papa Paulo III, lançadá em 1537, declarava que os indios tambem eram homens. Tal deliberação foi tomada por espirito de fraternidade, dirão os menos avisados. Mas a verdade é que os resultados dessa bula foram os de privar os colonos europeus dos trabalhadores indigenas e de aproveital-os, economicamente, como escravos, só para a grandeza da igreja de Roma.

Fosse como fosse, a verdade é que a Republica Theocratica del Guayra, cahiu destroçada, impiedosamente, sob o tacão das botas de Antonio Raposo Tavares, Manoel Morato, Antonio Bicudo de Mendonça, Simeão Alvares, André Fernandes, do terrivel Manoel Preto e de tantos outros caudilhos do bandeirismo paulista.

Convem frizar, ainda, que os destruidores das reduções jesuiticas do Paraná, apesar de serem tão mal tratados por Montoya, Simão Mascle e Mancilla; apesar de que la crueldad de tos Portugueses no se puede decir con palabras"; apesar de se terem mantido, os bandeirantes, sem respeito algum deante das coisas sagradas das igrejas de Encarnacion, Santo Antonio, jesús Maria, São Miguel, Santo Ignacio Mini, etc.-foram acompanhados em suas entradas devastadoras por varios clerigos e religiosos de Piratininga! Tanto assim que Maseta e Mancilla, em 1629 affirmam textualmente: «Los años passados uvo algunos *Clerigos* que con los demas (bandeirantes) fueron a traerlos (aos indios) con armas, y hazerlos sus esclavos, y agora con Manuel Prieto *fue un fraile del Carmen*.

Por esta citação se vê que os religiosos de São Paulo estavam quasi que ostensivamente ao lado da causa "criminosa" de Antonio Raposo Tavares. E isso tanta verdade exprime, que na carta de 14 de novembro de 1611, enviada por Don Antonio de Añasco ao governador de Buenos Aires, Diego Marin Negrón, lê-se o seguinte tópico, por demais esclarecedor sobre a nossa affirmativa:

«Será necessario que vuestra señoria juntamente con el padre Provincial y los demas padres escrivan al governador y a los padres de la compañia de san pablo que no se metam en esta jurisdicion». (Documentos Paulistas. — Papeis do Archivo General de Indias de Sevilha. — Separata do tomo I dos Annaes do Museu Paulista.—1923.)

Seria ousado affirmar-se, agóra, deante dessa preciosa documentação, que Antonio Raposo Tavares e sua gente serviram de instrumento dos jesuistas de Piratininga para dar cabo da obra explendorósa de seus irmãos do Guayrá?

O oéste paranaense, não ha duvida, solicita novos e mais argutos interpretes de sua historia...

LEIAM
«O SERTÃO E O CENTRO»
— DE —
JOÃO DUARTE, filho
E
"Os Azevedos do Pôço"
Romance de
MARIO SETTE.
Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

## Mentor

Surgiu ha pouco em Montevidéo, no Uruguay, a revista literaria illustrada «Mentor».

Temos em mão o 2° numero, sahido em Outubro de 1938, que enthusiasma pela independencia de orientação e pela elevação do material literario e de informações.

«Mentor», traduzindo o grau de cultura do povo irmão, leva aos quatro cantos da America o grito pela paz, pela cultura e pela liberdade. E «Seiva», revista da Bahia e do Brasil, identificada nos mesmos propositos desta outra revista da America, transmitte a «Mentor» sua incontida admiração.

# A Historia Nacional

## ANTONIO FRANCA

Sentimos a nossa hisstoria, não como uma sequencia de episodios gloriosos, que assinalassem classicamente vitorias definitivas de um povo, mas como uma serie de esforços e tentativas heroicas, cujos objetivos tomavam força ao passo que se avançava. Aspirações nacionalistas que se fortaleciam, surgindo em meio adverso; iam aos embates e se esboroavam para novamente se recompor com forma mais delineada. E ainda, muitas vezes, se desmoronarem de encontro a barreiras mais poderosas para permanecer, apezar dos fracassos, mais punjantes, mais objetivas, mais nacionais.

A historia nacional não começa com o descobrimento. Este fáto. que pertence á historia portuguesa, significa tão só o trasladar da cultura europea para o novo mundo. A historia nacional começa com a formação de nucleos nacionais, lutando pela creação de uma economia propria. Com os primeiros esforços para lançar os alicerces da civilização brasileira.

Nas suas diversas fáses, a conquista deste objetivo encontra condições diferentes. Entregando a metropole, abastada, no primeiro seculo dos descobrimentos, com os resultados das conquistas do Oriente, desiludida com o presente de grego que foi a primitiva ocupação do Brasil, o comercio de toda a sua produção. Em conflito com a concorrencia jesuitica, cujo poder temporal cresceu até o apogeu das «reduções» do Uruguai. A sociedade agrária escravocrata dos primeiros cincoenta anos de colonia, achou inopinadamente, com a decadencia de Portugal, a perda de suas colonias de Africa e Asia, em face de um regimen colonial inteiramente diverso. Os colonos e seus decendentes, após terem edificado aqui uma sociedade-rural latifundiaria, foram surpreendidos com os monopolios comerciaes e um sem numero de medidas que colidiam com a riqueza patria em formação. Após a expulsão dos franceses, holandeses e toda sorte de piratas, tarefa devida mais a esforços nacionais que á ajuda da metropole, Portugal em decadencia voltava-se para a antiga colonia, cuja ocupação de inicio não lhe trouxera vantagens, pretendendo monopolizar-lhe toda a riqueza. O Brasil não era, pelas condições elementares de cultura de suas tribus nomades, pela carencia de valores comerciaveis, pois somente mais tarde foram descobertas as jazidas de ouro e diamantes, constituindo sua riqueza a exploração do páo brasil, usado na tinturaria, — o campo vastissimo que oferecia a India, o Mexico e outras regiões ricas e remotamente dedicadas ao comercio.

A nossa riqueza (o assucar) constituia a produção agricola do colono, baseada na escravidão do indio e do negro. Aliás, a preferencia do negro para a agricultura, segundo os historiadores modernos, reside incontestavelmente no seu grão de cultura superior á dos nossos indios. O africano barbaro, realmente encontrava-se em fáse sedimentaria, agricola, enquanto os indios americanos, ainda em estado selvagem, eram nomades.

Desta colisão de interesses economicos, entre a colonia e a metropole, resultam os movimentos libertadores, que, a partir da revolução de Beckmann, no Maranhão, onde a expiração colonial se fizera sentir tão fortemente, se sucedem encadeadamente nas regiões onde os nucleos economicos são mais poderosos. Na capitania de S. Vicente, em Minas, Pernambuco etc... Mascates, Emboabas, a Inconfidencia mineira, a Revolução de 817, a Sabinada na Bahia, a Balaiada no Pará, a Farroupilha no Rio Grande, a Revolução Praieira,

Debalde a Regencia procurou conciliar os interesses antagonicos. A reação recolonizadora, que se sucedeu á volta de D. João VI ao reino, se decompunha.

Portural passara a girar na orbita inglesa... E o Brasil, permanecendo como presa ultima da aristocracia que se acastelara nas Côrtes, não encontrava o caminho certo da completa emancipação. O progresso capitalista na Europa indo alcança-lo no nascedouro estendeu os seus tendões por sobre as nossas possibilidades economicas. Da dominação colonial, passavamos, após breve espaço de

# Á ALEMANHA

Estou, como todos os humanos, cheio de dôr, arrepiado. Não passa um dia nem uma hora sem que, de todas as partes do mundo, cheguem aos meus ouvidos gritos de dôr, atemorizantes gritos de dôr da humanidade asfixiada e ofendida. Alemanha, Espanha, China... Não é possivel mais respirar. O coração está para estourar.

Apezar disto — é precíso suportar! E' preciso atirar pelo mundo inteiro nossa praga contra os assassinos!

O' Alemanha, grande Alemanha que tanto amei e que ainda amo hoje - sei que teus melhores filhos, milhares e milhares de homens honestos e simples, agora vitimas do terror, estão cheios de vergonha pelos atos deshumanos dos que assaltaram a chefia do teu governo.

Eu sei disto porque muitos homens corajosos m'o confessaram. Não duvido que os representantes mais graduados e honestos da aristocracia militar estejam se sentindo profundamente humilhados e revoltados quando precisam assistir em silencio como é deshumano o procedimento dos teus homens de governo, como as correntes mais baixas do povo estão sendo continuada e covardemente irritadas contra milhares de homens laboriosos e ordeiros, contra mulheres e crianças indefesas, como é vergonhosa a teimosia com que todas as forças do governo estão sendo jogadas contra uma raça inerme e perseguida. E essa é uma raça cujos filhos derramaram seu

Palavras de

# E AOS JUDEUS

sangue pela Alemanha e cujos genios fizeram a grandeza e popularidade da Alemanha.

O maior inimigo da Alemanha não podia ofende-la tanto, causar-lhe tanto prejuizo, quanto esses maniacos do racismo, que a humilharam aos olhos do mundo inteiro. A expulsão dos judeus da Alemanha está sugando o melhor sangue da inteligencia germanica. A covardia, a bestialidade, a baixeza das perseguições aos israelitas inscreveu um signal de Caim na testa da Alemanha, que somente gerações sucessivas serão capazes de apagar.

Vós, entretanto, meus amigos israelitas, não fiqueis abatidos, não vos entregueis ao desespero! Não vos entregueis á duvida, que é ainda pior do que o desespero! Não duvideis da grandeza do vosso povo. Não duvideis da justiça final que vossos livros sagrados e vossos profetas proclamaram e divisaram noites negras do passado - do mesmo modo que os grandes israelitas dos tempos atuais continuaram prevendo, como profetas, a justiça social. Vosso logar na historia do progresso da humanidade é enorme. Estais pagando por êle com sofrimentos que não têm precedentes. Vossos sofrimentos e infelicidades serão vossa grandeza. Suportai-os, como fizeram vossos pais, e confiantes no futuro. Vosso povo testemunhou, no decorrer de gerações, o desmoronamento e a quéda de imperios. Tambem verá o desmoronamento das forças perseguidoras da atualidade.

**ROMAIN ROLLAND**

# A ATUALIDADE DE HUGO

## NELSON SCHAUN

De Victor Hugo podemos dizer, com inteira propriedade, que vive a existência imortal, através da ideia e do pensamento, que se projetam, reais e sugestivos, pelos dias em fóra e pelo futuro a dentro.

Aqui não cabe a expressão vazia e abstrata, o mero dizer por dizer, para efeito literário ou fantasia do espirito. Senão que, em verdade, quanto a Hugo é falar á conciência e compreendê-lo, sentí-lo com a conciência: justa é, pois, e sôbretudo exata, a conceituação de imortalidade aplicada a Victor Hugo. Porque Hugo palpita hoje, como viveu ôntem e e há-de frenir, atuar, poderosamente, e profundamente influir nos destinos dos povos, até quando e onde fôr a história dos povos. Porque a obra de Hugo não pode ser considerada acidente breve e fortúito; mas, realmente, obra definitiva, ampla, consistente e indestrutivel. Porque Hugo não foi uma circunstancia humana de caráter efémero; porém é um fenómeno contínuo, que se prolonga, que perdúra e que, por igual, se evidencia numa iteração inevitavel e total, para que seja lei inequívoca de psicologia politico-social.

Pensou com os homens e para os homens que, muito antes dêle, tomaram papel na sombria tragedia da vida. Raciocinou, esclareceu, argumentou e discerniu a suprema questão da existência e coexistência social, e encontrou, para agitar, para viver por todo o sempre, a verdadeira fórmula capaz de concretizar o ideal de harmonia entre os homens, por todo o minucioso caminhar dos séculos.

Victor Hugo é vivido precisamente hoje, porque agora, mais do que ôntem, é êle sentido, como, sem dúvida, será êle melhor e muito mais sentido amanhã, e vivido após, ainda mais longe, muito lá, nos âmbitos da possivel felicidade humana e da possivel perfeição da sociedade.

Toda a intensa e fecunda obra de Hugo é trabalhada nesse profundo senso do futuro socio-politico da humanidade.

Tomemos, por acaso, uma página de sua obra mais prima — *"Os Miseraveis"*. É o capitulo IV do Livro Sétimo da Parte Terceira.

*«Não deixemos de o repetir: cuidar antes de tudo das multidões desherdadas e dolorosas, aliviá-las, arejá-las, esclarecê-las, amá-las, alargar-lhes magnificamente os horizontes, prodigalizar-lhes a educação sob todas as fórmas, oferecer-lhes o exemplo do trabalho, nunca o exemplo da ociosidade, diminuir o pêso do fardo individual, aumentando a noção do fim universal, limitar a pobreza sem limitar a riqueza, criar vastos campos de atividade pública e popular, ter, como Briaréu, cem braços para estender para todos os lados aos aflitos e aos fracos, empregar o poder coletivo no grande dever de abrir oficinas para todos os braços, escolas para todas as aptidões, e laboratórios para todas as inteligencias, aumentar o salário, diminuir a fadiga, balancear o DEVE e HAVER, isto é, proporcionar o gozo ao esforço, e a saciedade á necessidade, numa palavra, desembaraçar o aparelho social em proveito dos que sofrem e dos que ignoram; a maior claridade e a maior comodidade, não o esqueçam as almas simpáticas, é o que constitúi a primeira das obrigações fraternais; é, saibam-no os corações egoistas, a primeira das necessidades politicas.*

*E, digamo-lo, isso tudo não é mais que um começo.*

*A verdadeira questão é: — o trabalho não pode ser uma lei sem ser um direito.*

. . . . . .

*Se a natureza se chama providencia a sociedade deve chamar-se previdencia.*

*O desenvolvimento intelectual e moral não é menos necessario do que o melhoramento material. Saber é um viático, pensar é de primeira necessidade; a verdade é tanto alimento como o pão. Uma razão em jejum de ciência e de saber, emagrece. Lastimemos, do mesmo modo que o estomago, os espiritos que não comem. Se há uma coisa mais pungente do que o corpo agonizante por falta de pão, é uma alma morrendo á fome de luz.*

*O progresso pende todo para o lado da solução. Um dia ficar-se-á estupefato. Elevando-se o genero humano, as camadas profundas sairão naturalmente da zona de aflição. O desaparecimento da miséria operar-se-á por uma simples elevação de nivel.*

*Será um êrro duvidar desta solução abençoada.*

. . . . . .

*Nós, que cremos — que podemos temer?*

*As ideias não são mais suscetiveis de recuar de que os rios.*

*Mas, pensem bem os que não querem nada do futuro.*

*Dizendo que não é o progresso — não é o futuro que êles condenam, mas a si mesmos. Adquirem por suas mãos uma doença sombria: inoculam-se no passado. Não há senão um modo de recusar o Amanhã — é morrer.*

*O parto do futuro, o proximo nascimento do bem-estar universal é um fenomeno divinamente fatal.*

*Os fatos humanos são regidos por imenso avançar do todo, que os conduzem, sem exceção de um só, num tempo dado, ao estado lógico, isto é, ao equilibrio, á equidade».*

Que mais será necessário acrescentar para definir a questão social que agita de presente, a humanidade inteira? E, que outra fórmula sensatamente póde levantar-se, para uma solução racional e justa?

---

ascenção á dependencia do capitalismo europeu. E os Estados Unidos, transformando-se em pouco em nação capitalista vêm concorrer com a Europa nos proprios paizes americanos.

Durante certo espaço de tempo, enfraquecidos os movimentos nacionais que, de vinte anos para cá se evidenciam em todo o paiz, anunciam que a nossa economia reage contra os interesses alienigenas que se contrapõem ao seu desenvolvimento, favorecidos por governos inexperientes e impatrioticos.

*Continúa na pagina 24*

# A HISTORIA NACIONAL

«Conclusão da pagina 23»

A cultura constitue um patrimonio universal. Mas o solo patrio, suas riquezas e recursos pertencem ao povo que o habita. É um patrimonio nacional. O consenso internacional resulta da soberania da nacionalidade, deante da universalização da cultura humana. A ciencia e a tecnica universalizaram o pensamento. A humanidade é uma só, e nem pode haver hegemonia de raças, atual ou passada, quando a civilização humana é obra de todas as raças e de todos os povos. Seria um absurdo querermos permanecer aferrados a processos medievais, receiando deixar-nos absorver pelo internacionalismo. Ao contrario, devemos servir-nos da cultura humana para crear a nossa civilização.

A historia nacional é, portanto, a historia das lutas que visaram a autonomia economica das classes que povoam o pais. A luta pela formação da economia nacional com a ocupação e submissão do solo e da natureza. A luta pela emancipação desta economia quando a metropole quiz deitar-lhe as mãos. E a luta para sua nacionalização, depois que ela foi caír em mãos estrangeiras.

Só assim poderemos encarar patrioticamente a nossa historia. De objetivos tão vivos e desejados, desde os tempos de formação dos primeiros nucleos nacionais. A luz da sociologia, vemos as classes nacionais dominadas, lutando entre si, impelidas por antagonismos diversos, anciando pela democracia, precipitarem-se em marcha desde o feudal até o moderno, unidas para o mesmo fim: o nacionalismo.

# Cadê o poeta negro do Brasil?

(Conclusão da pag. 18)

cionantes, o drama de uma raça, cujo soffrimento havia de empolgar o coração de um genio e de um *homem*. A sua missão havia de ser essa, porque essa foi a missão de todos os genios. Jamais qualquer delles fugiu á causa da liberdade e da justiça.

Quando não houvesse entre nós uma literatura negra de segregação, por isso que essa nunca se tornou tão accentuada ao ponto de exigil-a, deveria haver uma literatura original, propria da raça. Assim, ser-nos-ia possivel fazer um confronto das duas literaturas e concluir pelas influencias e absorpções reciprocas.

A nossa poesia negra, si sincera e verdadeira, seria, pelo que de pittoresco e interessante nos offerece o scenario da vida dos negros e pelo que de triste é a sua historia, desde a sahida, banhados em lagrimas saudosas pelo rincão natal que são forçados a abandonar, ao trabalho exhaustivo, banhados em suor, que lhes impuzeram os seus senhores, hontem, a sua infima condição, hoje, seria, a mais simples e bella de todas as poesias, porque a mais humana. E seria a poesia do negro do Brasil.

Livraria, Papelaria e Tipografia
PADRE VIEIRA
MISERICORDIA, 8 — TEL. 4074
Especialista em impressão de cartões para Participações de Noivados, Casamentos, Formaturas, etc.

BRILHAMIL

Não va a festas

nem a passeios com o cabello em desalinho.

Use Brilhamil

que conserva seu penteado.

## PROBLEMAS

Está em circulação o n.º 13 da esplendida revista mensal de cultura que se edita em São Paulo, sob a direção de Arnaldo Pedroso d'Horta e Arnaldo Serroni.

Destinada á divulgação dos mais serios estudos que se escrevem no paiz sobre os mais palpitantes problemas nacionais, «Problemas» traz neste numero, entre outros, artigos de Rui Continho sobre Alimentação Popular no Recife, de Alfredo Thomé sobre Leopoldo Fróes, de José Lins do Rego sobre Literatura e Povo, de Edison Carneiro sobre Condição economica e social das filhas de santo e uma entrevista de Sangirardi Junior com o tragico Ermetti Zacconi.

«Problemas» firma-se, assim, definitivamente, como a mais completa revista nacional de estudos, ingressando vitoriosamente no segundo ano de sua existencia.

Sabonete EUCALOL e perfumarias finas da MYRTA S. A.
Enxadas, enxadões, picaretas e machados
DRAGÃO
Biscoitos finos PILAR
Carbureto de calcio TIGRE.
Agente: *Mario C. dos Santos*
Rua Torquato Bahia, 3 1.º - Cx Postal 283 - Teleph. 2645

EXPRESSO VIAÇÃO E TRANSPORTE LTD.
Casa Intermediaria e Agencia de Transportes
Cobertos, 3 Telephone 4212

CULTURA
Uma revista de São Paulo
Para ser lida em todo o Brasil.
Predio Martinelli 10º andar — Sala 1023 C.

"DIRETRIZES"
E' um presente para os que
RESPEITAM A CULTURA, DESEJAM A VERDADE
AMAM A CIVILIZAÇÃO, CRÊM NA DEMOCRACIA
Artigos de grandes notabilidades extrangeiras. Colaborações dos maiores nomes da CULTURA NACIONAL.

OS SUCCESSOS DA RADIO SOCIEDADE DA BAHIA

NA III FEIRA DE AMOSTRAS

Aspecto da numerosa assistencia que applaudiu com enthusiasmo os programmas de studio da P. R. A. 4, levados no recinto da III FEIRA DE AMOSTRAS DA BAHIA

Uyára de Goyaz, a sensação selvagem da metropole, elemento que actuava no "cast" da P.R.A. 4 e OSWALDO BERNARDES o mais popular locutor daquella estação.

# A Asssociação dos Abatedores da Cidade do Salvador

## REGULARIZA O MERCADO DE

## CARNE VERDE

## DA CAPITAL

SÃO SEUS ASSOCIADOS:

Empresa Amado Bahia S/A
Companhia Industrial Pastoril
Cariolano Dias de Carvalho
Manoel Dias de Carvalho
João Martins & Irmãos
Edmundo Gualberto
Antonio Rocha de Vasconcellos
Jairo Moreira Almeida
Leonardo Pompilio Bittencourt
Ramiro Aguiar.

# SOCIEDADE ANONYMA MAGALHÃES

**CASA FUNDADA EM 1891**

Estivas Em Geral — Commissões, Consignações e Conta Propria

## SECÇÃO BANCARIA

**Matriz: Bahia - Brasil - C. Postal, 114 - E. teleg.: DOURO**

**FILIAES:** { Rio de Janeiro - C. Postal 735 - End. Teleg. RIODOURO
Recife - C. Postal 19 — End. Teleg. RECIDOURO

**AGENCIAS NAS PRINCIPAES PRAÇAS DO PAIZ E DO ESTRANGEIRO**

**Exportadores de Assucar, Alcool e Aguardente**

IMPORTADORES de xarque, bacalhau, farinha de trigo, breu, cimento, soda, enxofre, arame farpado e liso, grampos, chlorato e nitrato de potassio, rozalgar, carbureto, cerveja, guaraná, sisi, zarcão, phosphoros, telhas de zinco, sulfureto de antimonio, facões, enxadas, foices, estrovengas, sabão, salitre do Chile, saccos para café, cacáo e mamona, etc. etc.

REPRESENTANTES de Bancos, casas bancarias e Companhias; da Sul America, Terrestres, Maritimos e Accidentes; da Soc. Mechanica para a Industria e Lavoura, Ltd; de Blair Limited; da The Gregg Co; da Corporacion de Ventas de Salitre y Yodo de Chile, de Manoel Pedro & Cia.

REPRESENTANTES E DEPOSITARIOS exclusivos dos lubrificantes da SOCONY, VACCUUM OIL CY. INC. e de Kerosene da ATLANTIC REFINING Co. of BRASIL.

DISTRIBUIDORES dos vinhos "UNICO", de Lourenço Horacio Monaco & Cia, Ltda. da Manteiga "MUNDONOVENSE e Caseina de JORGE CARAOGIAN.

GERENTES da Cia. Salinas da Margarida; da Cia de Armazenagens e Transportes S. A; e da Cia. Luz e Força ,com importantes installações hydro-electricas, e Diesel, em Ilhéus e Itabuna.

AGENTES das Emprezas Maritimas: LLOYD NACIONAL S. A.; CIA. COMMERCIO E NAVEGAÇÃO e CIA. CARBONIFERA RIOGRANDENSE; da Cia. Agricola e Industrial Magalhães, tecidos; da S. A. Frigorifico Anglo, xarque e outros productos, da S. A. White Martins, oxygenio, etc.

Composta e Impressa na Liv. e Typ, Padre Vieira